

**UNIOESTE**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**INDUSTRIALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO**  
**SUDOESTE DO PARANÁ**

**EDSON LUIZ FLORES**

**FRANCISCO BELTRÃO**

**2009**

**EDSON LUIZ FLORES**

**INDUSTRIALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO  
SUDOESTE DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia – nível Mestrado – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Dr. Fernando dos Santos Sampaio

**FRANCISCO BELTRÃO**

**2009**

## TERMO DE APROVAÇÃO

EDSON LUIZ FLORES

### INDUSTRIALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO SUDOESTE DO PARANÁ

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

---

Prof. Dr. Fernando dos Santos Sampaio  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tania Maria Fresca  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

---

Prof. Dr. José Luiz Zanella  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

**Francisco Beltrão, 14 de Julho de 2009**

Flores, Edson Luiz  
F634 Industrialização e desenvolvimento do Sudoeste do  
Paraná. / Edson Luiz Flores. – Francisco Beltrão, 2009.  
226f.

Orientador: Prof. Dr. Fernando dos Santos Sampaio.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em  
Geografia - Universidade Estadual do Oeste do Paraná –  
Campus de Francisco Beltrão.

1. Indústrias – Sudoeste do Paraná. 2. Sudoeste do Paraná  
- Povoamento. 3. Madeira – Industrialização. I. Sampaio,  
Fernando dos Santos. II. Título.

CDD – 338.98162  
338.4098162

## AGRADECIMENTOS

Para que essa pesquisa pudesse ser realizada, uma série de pessoas, entidades, unidades industriais, trabalhadores etc. foram importantes. Desde já, me desculpo se alguém for esquecido nessa lista de agradecimentos.

Agradeço todas as unidades industriais que forneceram informações e dados sobre suas respectivas atividades, pois possibilitaram a formação de uma base empírica que, certamente, eu não conseguiria por meio de estudos secundários, por exemplo.

Da mesma forma, agradeço aos sindicatos patronais (de ramos específicos da indústria da região) e de trabalhadores, por fornecerem documentos, arquivos, entre outros, o que também se constituiu como uma base de dados e informações para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Também não posso deixar de agradecer a institutos de pesquisa, tais como o IBGE (especialmente os pesquisadores da agência de Francisco Beltrão – PR), por permitirem a utilização das publicações estatísticas expostas em suas bibliotecas.

A FIEP, unidade de Francisco Beltrão, é outro exemplo de instituição que contribuiu para a realização dessa pesquisa, inclusive por fornecer o “cadastro” anual de atividades e serviços industriais do Paraná; o que auxiliou na seleção de unidades industriais que foram visitadas no trabalho de campo.

Com certeza, não posso esquecer de agradecer aos professores membros do programa de pós graduação em Geografia da UNIOESTE – especialmente José Luiz Zanella, Fernando dos Santos Sampaio, Marcos Aurélio Saquet e Fabrício Bauab –, pelo aprendizado que me proporcionaram durante as suas aulas.

Ao professor Fernando dos Santos Sampaio (orientador dessa pesquisa), vai um especial agradecimento pelo embasamento que tem dado aos meus estudos nos últimos anos.

Por fim, agradeço aos professores José Luiz Zanella e Tania Maria Fresca, porque no processo de Qualificação de Mestrado nos forneceram elementos importantes para nortear essa pesquisa.

## EPIGRAFE

"[...] o mundo sensível que o cerca não é um objeto dado diretamente, eterno e sempre igual a si mesmo, mas sim o produto da indústria e do estado da sociedade, no sentido de que é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações, sendo que cada uma delas se alçava sobre os ombros da precedente, aperfeiçoava sua indústria e seu comércio e modificava seu regime social em função da modificação das necessidades."

*(A Ideologia Alemã - MARX e ENGELS, 1998, p. 43).*

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	ix
LISTA DE GRÁFICOS.....	x
LISTA DE MAPAS.....	xi
LISTA DE QUADROS.....	xii
LISTA DE TABELAS.....	xii
LISTA DE SIGLAS.....	xiii
RESUMO.....	xvi
ABSTRACT.....	xvii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 01 INDUSTRIALIZAÇÃO DA MADEIRA E POVOAMENTO DO SUDOESTE PARANAENSE.....	15
1.1 Primórdios da Ocupação do Sudoeste do Paraná.....	15
1.2 Formação Social e Produção Mercantil.....	25
1.3 “Lá Vêm Eles”: Industrialização do Pinho e Povoamento do Sudoeste Paranaense.....	36
1.3.1 Finalmente surgem condições para efetivar a ocupação da região.....	47
1.4 Considerações do Primeiro Capítulo.....	49
CAPÍTULO 02 INDUSTRIALIZAÇÃO, DIVISÃO DO TRABALHO E DESINTEGRAÇÃO DO COMPLEXO RURAL DO SUDOESTE DO PARANÁ.....	51
2.1 A Formação de Um Complexo Rural no Sudoeste Paranaense.....	52
2.2 O Início da Desintegração do Complexo Rural.....	59
2.2.1 Desintegração do complexo rural, formação de mercado consumidor local e industrialização.....	68
2.3 Planos de Desenvolvimento Econômico e Industrialização no Sudoeste do Paraná.....	77
2.4 Algumas Considerações.....	81

CAPÍTULO 03	O CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA DO SUDOESTE PARANAENSE NUM PERÍODO DE INSTABILIDADE ECONÔMICA.....	83
3.1	O Desempenho da Indústria no Sudoeste do Paraná Durante a “Década Perdida”.....	83
3.2	Plano Collor, Plano Real e Industrialização no Sudoeste Paranaense: “O Sol Que Nasceu Depois da Tempestade”.....	90
3.3	Alguns Fatores Responsáveis Pela Industrialização no Sudoeste do Paraná.....	92
3.3.1	Atrativos para a instalação da indústria avícola.....	98
3.3.2	A importância da oferta de braços para o trabalho.....	107
3.3.3	Salários baixos ou baixo custo de vida?.....	118
3.4	Considerações do Capítulo.....	123
CAPÍTULO 04	A INTENSIFICAÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO SUDOESTE DO PARANÁ: “INDÚSTRIA ATRAI INDÚSTRIA”..	125
4.1	“Indústria Atrai Indústria”.....	125
4.2	A Importância dos “Distritos Industriais” Para a Distribuição Espacial da Indústria.....	144
4.3	O Papel das Inovações Para Enfrentar a Concorrência.....	149
4.4	Considerações do Quarto Capítulo.....	161
CAPÍTULO 05	INDUSTRIALIZAÇÃO E DINÂMICA SOCIAL NO SUDOESTE DO PARANÁ.....	163
5.1	A Integração da Indústria do Sudoeste Paranaense ao Mercado Nacional.....	163
5.2	Do Mundo Para o Sudoeste, do Sudoeste Para o Mundo.....	171
5.3	Industrialização e Geração de Empregos.....	179
5.3.1	Geração de empregos na indústria e urbanização.....	188
5.4	A Situação da Classe Trabalhadora no Sudoeste do Paraná.....	196
5.5	Algumas Considerações.....	204

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	205
REFERÊNCIAS.....	211

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Ervateiros atuando na extração da erva-mate no sul do país.....	20
FIGURA 02	Tropa de mulas utilizadas para o transporte de mercadorias, inclusive mate.....	21
FIGURA 03	Porcos soltos em um mangueirão na região de Francisco Beltrão – anos 1940.....	23
FIGURA 04	Manada de porcos no município de Enéas Marques – anos 1960.	23
FIGURA 05	Família de colonos vinda do sul do Brasil para o sudoeste paranaense.....	26
FIGURA 06	Utensílios (“gamelas”) fabricados artesanalmente para o uso doméstico.....	32
FIGURA 07	Máquina artesanal utilizada para esmagar uva para produzir vinho.....	33
FIGURA 08	Depósito de toras na laminadora “De Bortolli & Filhos”, localizada em Pato Branco – PR.....	37
FIGURA 09	Tarefeiros construindo uma estrada em Francisco Beltrão – 1950	39
FIGURA 10	Transporte de toras realizado à tração animal (“Serraria Irmãos Marcello” em Francisco Beltrão – PR).....	39
FIGURA 11	Moinho colonial instalado pela CANGO no núcleo de Santa Rosa, próximo do povoado de Marrecas (atual Francisco Beltrão).....	41
FIGURA 12	Máquina a vapor sendo instalada em uma madeireira localizada no município de Enéas Marques – PR.....	43
FIGURA 13	Extratores de pinheiros (equipe do mato).....	46
FIGURA 14	“Equipe do mato” rolando as toras sobre a plataforma de um caminhão (região de Pato Branco – PR).....	48
FIGURA 15	Caminhão da marca FARGO utilizado para transportar a madeira serrada para Curitiba e outros centros consumidores.....	48
FIGURA 16	Máquina de costura manual.....	57
FIGURA 17	Moenda artesanal (“engenho”) para extrair a garapa da cana-de-açúcar.....	69

FIGURA 18	Bicicletas utilizadas para o transporte de trabalhadores da indústria do vestuário em Santo Antônio do Sudoeste – 2008.....	119
FIGURA 19	Vista parcial da cidade de Francisco Beltrão – 2008.....	191
FIGURA 20	Vista aérea parcial da cidade de Pato Branco – PR.....	191

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01	Evolução da produção das principais culturas agrícola do sudoeste paranaense – 1970-80.....	60
GRÁFICO 02	Evolução da produtividade das principais culturas agrícola do sudoeste paranaense – 1970-80.....	61
GRÁFICO 03	Evolução da área colhida das principais culturas agrícola do sudoeste paranaense – 1970-80.....	61
GRÁFICO 04	Despesas dos estabelecimentos rurais do sudoeste paranaense – 1970-80.....	65
GRÁFICO 05	Evolução das populações urbana e rural do sudoeste paranaense – 1970-2007.....	71
GRÁFICO 06	Evolução percentual de estabelecimentos rurais que utilizam energia elétrica no sudoeste paranaense – 1970-1995.....	94
GRÁFICO 07	Comportamento das vendas do leite longa vida no Brasil – 1992-2006.....	97
GRÁFICO 08	Evolução da pecuária leiteira no sudoeste paranaense – 1990-2006.....	98
GRÁFICO 09	Consumo de carne de frango no Brasil – 1989-2006.....	99
GRÁFICO 10	Exportações brasileiras de carne de frango – 1975-2006.....	100
GRÁFICO 11	Composição da população urbana e rural do sudoeste paranaense, por grupos de idade – 2000.....	113
GRÁFICO 12	Evolução da quantidade de estabelecimentos e de pessoas ocupadas na indústria de transformação no sudoeste paranaense – 1996-2006.....	129
GRÁFICO 13	Pessoas ocupadas em todas as atividades econômicas no Brasil – 1996-2006.....	181

GRÁFICO 14	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas por setores econômicos no sudoeste paranaense – 1970, 1980, 1991 e 2000.....	183
GRÁFICO 15	Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas por setores econômicos no Brasil – 1970, 1980, 1991 e 2000.....	184

### LISTA DE MAPAS

MAPA 01	Mesorregião geográfica sudoeste do Paraná e municípios.....	3
MAPA 02	Municípios, vilas, povoados e vias de acesso no sudoeste paranaense – 1938.....	18
MAPA 03	Localização do sudoeste paranaense e fluxos migratórios.....	27
MAPA 04	Distribuição espacial da indústria no sudoeste paranaense, quantidade de estabelecimentos e de empregados – 1996.....	126
MAPA 05	Distribuição espacial da indústria no sudoeste paranaense, quantidade de estabelecimentos e de empregados – 2006.....	127
MAPA 06	Distribuição espacial da indústria do sudoeste do Paraná por segmentos da produção.....	131
MAPA 07	Destino das vendas da indústria instalada no sudoeste paranaense.	164
MAPA 08	Procedência das máquinas, equipamentos e matérias-primas utilizadas na indústria do sudoeste paranaense.....	168
MAPA 09	Origem das importações da indústria instalada no sudoeste paranaense.....	172
MAPA 10	Destino das exportações da indústria instalada no sudoeste paranaense.....	175
MAPA 11	Geração de empregos na indústria e urbanização no sudoeste do Paraná.....	190
MAPA 12	Valor da produção industrial e distribuição de renda por municípios do sudoeste do Paraná.....	201

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Unidades industriais selecionadas para a pesquisa de campo no sudoeste paranaense – 2008-09.....	8
QUADRO 02	População urbana por municípios do sudoeste paranaense – 2007.....	9
QUADRO 03	Participação percentual da população rural em alguns municípios do sudoeste paranaense – 2000.....	109
QUADRO 04	Exportações da indústria do sudoeste paranaense: valor das exportações por empresas – jan. a dez. de 2008.....	177

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Participação do segmento da madeira na indústria do sudoeste paranaense – 1970.....	51
TABELA 02	Estabelecimentos rurais do sudoeste paranaense dedicados ao beneficiamento ou transformação de produtos agropecuários – 1970.....	53
TABELA 03	Evolução da população total, urbana e rural do sudoeste paranaense – 1970-2007.....	70
TABELA 04	Estabelecimentos industriais e pessoas ocupadas na indústria do sudoeste paranaense – 1980-85.....	84
TABELA 05	Despesa de consumo familiar mensal médio, monetária ou não, por itens de despesas no Paraná e em São Paulo – 2003.....	120
TABELA 06	Condição de ocupação dos domicílios urbanos da mesorregião geográfica Sudoeste do Paraná e do município de São Paulo, SP – 2000.....	121
TABELA 07	Participação no valor adicionado fiscal da indústria do sudoeste paranaense por segmentos da produção – 1995 e 2002.....	137
TABELA 08	Força de trabalho, emprego e desemprego nos países membros da OCDE – 1991-2006.....	182
TABELA 09	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas por setores econômicos no sudoeste paranaense – 1970, 1980, 1991 e 2000	182

## LISTA DE SIGLAS

ABEF – Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frangos  
ABRAVEST – Associação Brasileira do Vestuário  
ABIPA – Associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira  
ACEDV – Associação Comercial e Empresarial de Dois Vizinhos  
ACIAFB – Associação Comercial e Industrial de Francisco Beltrão  
APL – Arranjo Produtivo Local  
ASSIMOP – Associação da Indústria Moveleira de Pato Branco  
BADEP – Banco de Desenvolvimento do Paraná  
BIRD – Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento  
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social  
BRDE – Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul  
CAD – *Computer-Aided Design* (Projeto Auxiliado Por Computador)  
CAM – Computer-Aided Manufacturing (Manufatura Auxiliada Por Computador)  
CANGO – Colônia Agrícola Nacional General Osório  
CEFET-PR – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná  
CEPAL – Comissão Econômica Para a América Latina  
CESUL – Centro Sulamericano de Ensino Superior  
CETIS – Centro Tecnológico Industrial do Sudoeste do Paraná  
CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas  
CNI – Confederação Nacional da Indústria  
CODEPAR – Companhia de Desenvolvimento do Paraná  
CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento  
DEPLA – Departamento de Planejamento e Desenvolvimento de Comércio Exterior  
DER – Departamento de Estradas de Rodagem  
DIT – Divisão Internacional do Trabalho  
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos  
EPI – Equipamento de Proteção Individual  
FADEP – Faculdade de Pato Branco  
FAMPER – Faculdade de Ampére  
FAO – Organização das Nações Unidas Para a Agricultura e Alimentação  
FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná  
FMI – Fundo Monetário Internacional

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INTIC – Incubadora de Tecnologia de Informação e Comunicação de Pato Branco  
IOF – Imposto Sobre Obrigações Financeiras  
IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social  
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
IPI – Imposto Sobre Produtos Industrializados  
IPPUPB – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Pato Branco  
LRF – Lei de Responsabilidade Fiscal  
MDF – *Medium Density FiberBoard* (Painéis de Fibra de Média Densidade)  
MDIC – Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior  
MDP – *Medium Density Particleboard* (Painéis de Partículas de Média Densidade)  
MERCOSUL – Mercado Comum do Sul  
OCDE – Organização Para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico  
P&D – Pesquisa e Desenvolvimento  
PIB – Produto Interno Bruto  
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
PNAD – Pesquisa Nacional Por Amostras de Domicílios  
PND – Plano Nacional de Desenvolvimento  
PROGER – Programa de Geração de Emprego e Renda  
RAIS – Relação Anual de Informações Sociais  
SEAB – Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná  
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas  
SECEX – Secretaria de Comércio Exterior  
SEPL – Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral  
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial  
SINDALIMENTOS – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Francisco Beltrão e Região  
SINDECONFAB – Sindicato dos Empregados nas Indústrias do Vestuário e Confecções em Geral de Francisco Beltrão e Região  
SINDIAVIPAR – Sindicato e Associação dos Abatedouros e Produtores Avícolas do Paraná  
SINDIRAÇÕES – Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal  
SINDMADMOV – Sindicato das Indústrias de Móveis e Madeira do Sudoeste do Paraná  
SINTRAMADEMÓVEIS – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Serrarias, Carpintarias, Marcenarias, Tanoarias de Francisco Beltrão e Região  
SINVEPAR – Sindicato das Indústrias do Vestuário do Sudoeste do Paraná

SUDOTEC – Associação Para o Desenvolvimento Tecnológico e Industrial do Sudoeste do Paraná

UNIPAR – Universidade Paranaense

UNISEP – União de Ensino do Sudoeste do Paraná

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

VIZIVALI – Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu

## RESUMO

Como escreveram Marx e Engels (1998), a produção é de suma importância ao homem, mais do que isso, ela é responsável pela própria humanização; à medida que os homens, ao contrário dos animais que vivem à mercê da natureza (da oferta de alimentos, resistindo às intempéries climáticas etc.), conseguem produzir os meios de sobrevivência dos quais necessitam (alimentos, vestuário, residências etc.). No entanto, verificamos que nas ciências humanas, especificamente na Geografia, nos últimos tempos tem-se dado pouca atenção à produção, principalmente à industrialização. Nessa pesquisa, realizamos uma análise da importância da indústria no desenvolvimento do Sudoeste do Paraná, região de ocupação populacional recente, ocorrida principalmente após a década de 1940. Para a realização de tal estudo, procedemos à luz do materialismo histórico, método que consiste, grosso modo, em analisar as formações e transformações ocorridas na sociedade a partir da organização produtiva e das relações de trabalho inerentes a ela. O referencial teórico marxista – principalmente estudos de Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lenin, Karl Kautsky, Ignácio Rangel, Armem Mamigonian, entre outros – nos apoiou para que realizássemos uma pesquisa minuciosa, entrevistando proprietários e/ou administradores de unidades industriais da região, trabalhadores assalariados etc., visando obter informações e dados acerca da temática estudada. Nessa dissertação, analisamos: 1) a importância da indústria (principalmente o ramo da madeira) para o povoamento dessa região do Paraná; 2) verificamos as condições que a formação social (marcada pela presença de pequenos proprietários de terra, artesãos e comerciantes) ofereceu ao constituir uma pequena produção mercantil; 3) observamos a importância que o capital financeiro teve, tanto modernizando a agricultura como financiando a produção industrial (principalmente a partir da segunda metade da década de 1970); 4) observamos a importância que as políticas de fomento à industrialização, as inovações no processo produtivo, bem como a oferta de matérias-primas, e de força de trabalho, têm tido para atrair unidades industriais para essa região; e, 5) verificamos o aumento de renda promovido pela indústria, que, aliás, tem contribuído, de certa forma, para uma melhoria geral das condições de vida da população do Sudoeste do Paraná.

**Palavras-chave:** formação social; pequena produção mercantil; política de fomento à industrialização; inovação tecnológica; oferta de matéria-prima e de força de trabalho.

## ABSTRACT

How wrote Marx and Engels (1998), the production is very important to man, more than this, it's the responsible by own humanization; to measure that the men, to opposite of the animals that live by nature (offer of foods, resisting by climatic intemperance etc), get to produce the instrument of survival (foods, clothes, home etc). However, we verified that in the human sciences, specifically at the Geography, in the last epochs has been given little attention to the production, mainly to industrialization. In this study, we realized a analysis about the industry's importance at the Southwest of the Parana's development, region of new population occupation, happened mainly after the 1940's. By the realization of that study, proceeded to light from the historic materialism, method which to consist, thick manner, in to analyses the formations and transformations occurred at the society from active production and from work's connections intrinsic to its. The theoretical reference Marxism – mainly the Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lenin, Karl Kautsky, Ignácio Rangel, Armem Mamigonian's studies, among others – abetted us to that realized a detailed research, interviewing owns and executives of industrial unities from region, salaried workers etc, looking at to get information and dies about the thematic studied. In this discourse, we analyzed: 1) the importance of the industry (mainly the wood's branch) to the population of this region from Parana; 2) we verified the conditions that the social formation (marked by presence of few owns of earth, craftsmen and merchants) offered to organize a few merchant production; 3) we saw the importance that had the financial capital, as modernizing the agricultural as financing the industrial production (mainly from the second half at 1970's); 4) we saw the importance that the abetment politics to industrialization, the offer of raw materials, and of work's power, have been to attract industrial unities to this region; and, 5) we verified the increase of income advanced by industry, that besides, has been contributed, somehow, to a geral advancement of the life's conditions from Southwest of the Parana's population.

**Keywords:** social formation, few merchant production, abetment politics to industrialization, technological innovation, offer of raw materials, and of work's power.

## INTRODUÇÃO

A Geografia, na atualidade, tem dado pouca atenção à industrialização ou mesmo à economia em geral. Apesar de existir alguns geógrafos que se dedicam a tal temática, se considerarmos a totalidade de pesquisadores e de estudos publicados nos últimos anos, verificaremos que a industrialização tem sido pouco pesquisada. No entanto, de acordo com Marx e Engels (1998, p. 21)

[...] para viver, é preciso antes de tudo beber, comer, morar, vestir-se e algumas outras coisas mais. O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; e isso mesmo constitui um fato histórico, uma condição fundamental de toda a história que se deve, ainda hoje como há milhares de anos, preencher dia a dia, hora a hora, simplesmente para manter os homens com vida.

Ou seja, a produção é de vital importância para a humanidade. Aliás, segundo Engels (2000b) o homem se humaniza pelo trabalho, pelo fato de – diferentemente do que ocorre com os outros animais – produzir os meios de sobrevivência, tais como alimentos, vestuário, residências etc.

Considerando esses pontos, verificamos que a análise da produção e das relações de trabalho é imprescindível, principalmente nas pesquisas em ciências humanas, incluso na Geografia. Segundo Marx (1984a), Lenin (1982), entre outros, a indústria tem uma importância considerável na produção em geral, devido a sua propriedade de estimular desde o próprio setor industrial (criando novas unidades produtivas, por exemplo), o comércio e a prestação de serviços (“à jusante”), além de promover uma modernização (industrialização) na agricultura (“à montante”); que passa a adquirir máquinas, equipamentos etc. e oferecer matérias-primas e força de trabalho para as atividades econômicas tipicamente urbanas, inclusive industriais.

A partir desse entendimento, verificamos ser importante analisar o processo de industrialização no Sudoeste do Paraná, região que tem um povoamento recente (ocorrido a partir da década de 1940), mas que tem se desenvolvido rapidamente. O que chamamos de “Sudoeste do Paraná”, compreende uma mesorregião geográfica

(nos critérios do IBGE, 1990) composta por 37 municípios,<sup>1</sup> localizada entre a margem esquerda do rio Iguaçu e o Oeste catarinense; a leste fazendo divisa com a região dos Campos de Palmas – PR e, a oeste, se estendendo até a fronteira com a República Argentina (mapa 01).

Objetivamos nessa pesquisa, analisar a importância do processo de industrialização para o desenvolvimento em geral dessa região. Especificamente, buscamos identificar as transformações socioeconômicas ocorridas nesse recorte espacial, resultantes da instalação e expansão das atividades industriais. Em outras palavras, procuramos apreender o papel que a indústria tem tido no desenvolvimento regional, e verificando as possíveis mudanças, desde o início da ocupação populacional (anos 1940) até a atualidade.

O diferencial em relação à pesquisa – inclusive na Geografia –, é a matriz teórico-metodológica utilizada pelo pesquisador. Os princípios metodológicos que norteiam esse estudo, encontram sua base nas obras de Engels (1946, 1990 e 2005) e Marx (1972, 1982 e 1983a). De acordo com o primeiro autor, durante um longo período, desde Descartes até Hegel e desde Hobbes até Feuerbach, os filósofos não avançaram, como eles acreditavam, apenas pela força do pensamento puro; pois foram impulsionados pelos avanços das ciências naturais e pelo desenvolvimento industrial. Ou seja, mesmo que alguns desses pensadores não reconhecessem, eles já se valiam de procedimentos *materialistas*.

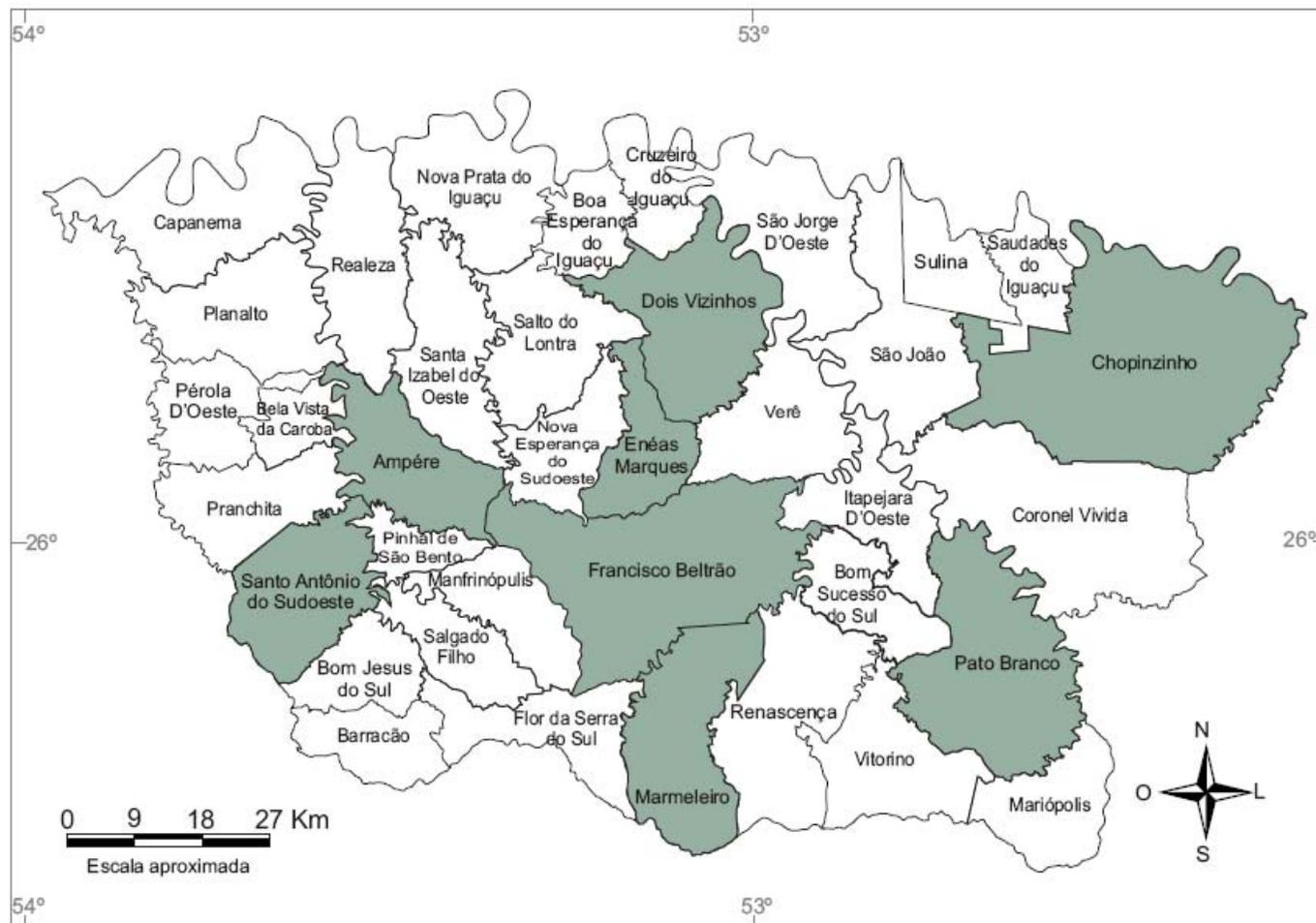
De fato, se analisarmos os entendimentos de alguns desses importantes pensadores, verificaremos que o pesquisador não pode dispensar a análise da matéria. Por exemplo, Francis Bacon (1561-1626) é conhecido – inclusive por Marx e Engels – como sendo o “pai” do empirismo moderno. Porém, comumente este filósofo é tachado de ser afeito às sensações e cético, por conseguinte, desacreditando na capacidade da razão. Mas, se analisarmos algumas passagens da sua obra *Novum Organum*, observaremos que Bacon criticava com veemência o empirismo vulgar, aquele calcado em simples observações:

---

<sup>1</sup> Que são: Ampére, Barracão, Bela Vista da Caroba, Boa Esperança do Iguaçu, Bom Jesus do Sul, Bom Sucesso do Sul, Capanema, Chopinzinho, Coronel Vivida, Cruzeiro do Iguaçu, Dois Vizinhos, Enéas Marques, Flor da Serra do Sul, Francisco Beltrão, Itapejara d'Oeste, Manfrinópolis, Mariópolis, Marmeleiro, Nova Esperança do Sudoeste, Nova Prata do Iguaçu, Pato Branco, Perola d'Oeste, Pinhal de São Bento, Planalto, Pranchita, Realeza, Renascença, Salgado Filho, Salto do Lontra, Santa Izabel do Oeste, Santo Antônio do Sudoeste, São João, São Jorge d'Oeste, Saudade do Iguaçu, Sulina, Verê e Vitorino.



MAPA 01 - MESORREGIÃO GEOGRÁFICA SUDOESTE DO PARANÁ E MUNICÍPIOS



LEGENDA

 Municípios onde selecionamos empresas para pesquisar

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de base cartográfica do IBGE.

[...] os maiores embaraços e extravagâncias do intelecto provêm da obtusidade, da incompetência e das falácias dos sentidos. [...] a observação não ultrapassa os aspectos visíveis das coisas, sendo exígua ou nula a observação das invisíveis. [...] Na verdade, os sentidos, por si mesmos, são algo débil e enganador; nem mesmo os instrumentos destinados a ampliá-los e aguçá-los são de grande valia. E toda verdadeira interpretação da natureza se cumpre com instâncias e experimentos oportunos e adequados, onde os sentidos julgam somente o experimento e o experimento julga a natureza e a própria coisa (BACON, 2005, p. 44).

Ou seja, Bacon ressalta a necessidade de romper com o empirismo simplista, apoiando-se na experimentação, que, por sua vez, deve se embasar em instrumentos adequados para tal. No entanto, como destacou Engels (1990), o materialismo deste pensador ainda é um tanto físico, já que se apóia quase que exclusivamente na experimentação, apesar de ser um avanço para alguns ramos da ciência.

Outro autor que teve influência em vários campos da ciência, foi René Descartes (1596-1650). Ao contrário do que ocorre com Bacon, Descartes é conhecido como essencialmente racionalista, por conseguinte, deixando de lado a empiria. Porém, uma análise, embora que rápida, de sua obra *O Discurso do Método*, já nos revela que esse autor também se apoiava em método materialista, especialmente na experimentação:

[...] quero mostrar aqui a explicação do movimento do coração e das artérias, o qual, sendo o primeiro e o mais geral que se observa nos animais, consentirá julgar com facilidade, a partir dele, o que se deve pensar de todos os outros. E, para que seja mais fácil entender o que vou dizer a esse respeito, desejaria que todos os que não são peritos em anatomia se dessem ao trabalho, antes de ler isto, de mandar cortar diante deles o coração de um grande animal que possua pulmões, já que é em tudo parecido com o do homem [...]. (DESCARTES, 2004, p. 74).

Assim como ocorreu com Descartes, Georg W. F. Hegel (1770-1831) também é conhecido como essencialmente racionalista (idealista). Porém, em sua obra *A Ciência da Lógica*, ele ressalta que a empiria é imprescindível, à medida que fornece um primeiro conteúdo para ser pensado:

As ciências empíricas, de um lado, não ficam no perceber das *singularidades* do fenômeno; mas, pensando, elas elaboram o material para a filosofia, enquanto descobrem as determinações universais, os gêneros e as leis: preparam assim aquele primeiro conteúdo do particular para que possa ser acolhido pela filosofia (HEGEL, 1995, p. 53).

Quando Hegel fala em “primeiro conteúdo”, ele está se referindo ao fato de que na análise deve-se proceder na tentativa de encontrar a essência do objeto estudado a partir da superação da sua aparência (da sua imediatez). Ou seja, esse pensador não dispensa a análise da matéria, mas acredita que tem que se superar a aparência que encobre a essência das coisas.

Segundo Marx (1983a), Hegel foi aquele que sistematizou a dialética moderna,<sup>2</sup> porém seu método está de cabeça para baixo, pois

Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 1983a, p. 20).

Aliás, não podemos esquecer da contribuição do pensamento de Ludwig Feuerbach (1804-1872) para a concepção de materialismo que Marx e Engels desenvolveriam no século XIX. Para Feuerbach (2007, p. 37):

O homem nada é sem objeto. Grandes homens, homens exemplares, que nos revelam a essência do homem, confirmaram esta frase com a sua vida. [...] Mas o objeto com o qual o sujeito se relaciona essencial e necessariamente nada mais é que a essência própria, objetiva desse sujeito.

Além de entender que a essência humana se faz nas suas relações com os objetos, Feuerbach entende que a divindade é uma criação da cabeça humana e que a religiosidade (uma forma essencialmente metafísica de pensar) é resultado da falta de conhecimentos dos homens acerca da realidade. Dessa forma, ele traça as

---

<sup>2</sup> De acordo com Engels (1990), a dialética nasceu na Grécia Antiga, mais especificamente com Heráclito. Já, Hegel (1995) acredita que a dialética nasceu na Grécia, porém com Platão.

bases para uma forma materialista de pensar, à medida que aponta para a necessidade de buscarmos apreender as relações entre sujeito e objeto. Ora, o trabalho (a produção) não seria o exemplo mais claro de relação do homem com o objeto, com a matéria a ser transformada?

Porém, na sexta tese sobre Feuerbach, Marx escreve que esse pensador não percebe que a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo isolado. Ora, para Marx (apud MARX e ENGELS, 1998) a essência do homem se realiza na sociedade na qual ele está inserido, já que ele se relaciona com outros homens. Portanto, o erro do entendimento de Feuerbach está em não perceber o aspecto *ativo* do homem; em outras palavras, ele não reconhece a práxis humana, que nada mais é do que sua capacidade para, socialmente, transformar o mundo em que vive. Aliás, na décima primeira tese sobre Feuerbach, Marx ressalta que o erro dos filósofos, basicamente, é de tentar interpretar o mundo, quando se deveria transformá-lo.<sup>3</sup>

De certa forma, verificamos que foi Engels quem, mais intensamente, se debruçou a cerca da questão do método e, principalmente em suas obras *Anti-Dühring* (ENGELS, 1990) e *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico* (ENGELS, 2005), definiu o que ficaria conhecido como *materialismo histórico*. Para esse autor, foi à luz desse método que Marx verificou que o motor da história é a luta de classes sociais. A partir dessa descoberta – o materialismo histórico –, Marx se empenhou na análise da sociedade da época e nos deixou algumas pistas de como proceder à luz desse método. No prefácio da segunda edição do livro primeiro de *O Capital*, ele escreveu que “a pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima” (MARX, 1983a, p. 20). Ora, se a matéria tem um nascimento, um desenvolvimento e um perecer, logo se tem que procurar captar os elementos produtores de tal objeto.

No prefácio da primeira edição do livro primeiro de *O Capital*, Marx já se mostrava preocupado em criar instrumentos para a análise de questões econômicas, ao afirmar que “[...] na análise das formas econômicas não podem servir nem o microscópio nem reagentes químicos. A faculdade de abstrair deve substituir ambos” (MARX, 1983a, p. 12). Há de se ressaltar que o que Marx chama de “formas

---

<sup>3</sup> Inquestionavelmente, o que os homens produzem é verdadeiro, é real. Logo, verificamos que a análise da produção e das relações de trabalho se faz imprescindível.

econômicas”, se refere à totalidade social, à medida que a produção faz parte da essência do ser humano (o próprio capital é relação social de produção, MARX, 1984a). Então, verificamos que o pesquisador tem que ter capacidade para abstrair do objeto – que significa apreender os elementos que o compõem –, pois assim se compensa a ausência ou impossibilidade de se ter microscópios e reagentes (instrumentos de análise) para realizar pesquisas em determinadas áreas da ciência.

Depois de colocadas essas questões acerca do método de pesquisa, mencionamos que para estudar a importância do processo de industrialização para o desenvolvimento do Sudoeste paranaense, objetivo dessa pesquisa, fez-se necessário que levássemos em consideração uma série de fatores. Um deles foi justamente procurar aprender a pesquisar e, sem dúvida, a leitura que realizamos de obras desses pensadores, anteriormente citados, serviu de matriz metodológica (principalmente o materialismo histórico).

Posteriormente, procuramos realizar um levantamento inicial acerca do desenvolvimento industrial dessa região. Começamos, buscando conhecer, digamos, o perfil da indústria regional, procurando saber que segmentos atuam, onde se concentram; procuramos conhecer a quantidade de empresas instaladas, bem como a quantidade de empregos gerados. Para tal, utilizamos dados da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP). Pelo Cadastro das Indústrias do Paraná (FIEP, 2007), obtivemos informações em relação à razão social, localização, segmento da produção e número de empregos, o que nos permitiu selecionar as empresas relevantes para a pesquisa e nos municípios com destaque de tal setor da produção.

Como nosso objetivo foi analisar o processo de industrialização, bem como as transformações sociais ocorridas no Sudoeste do Paraná, selecionamos as empresas mais expressivas em cada segmento da produção, conforme a quantidade de empregos gerados. Optamos por não selecionar empresas pequenas (com poucos funcionários) porque, em geral, elas foram fundadas recentemente, por conseguinte, não atendendo nosso objetivo de analisar a industrialização como ela foi se desenvolvendo historicamente nessa região. Dessa forma, procuramos selecionar as empresas acima de 100 empregados, abrindo exceções apenas para o caso de alguns segmentos da produção que consideramos ser relevantes, mas que, em geral, possuem unidades industriais um pouco menores.

Pelo quadro 01, podemos verificar as empresas selecionadas para a pesquisa de campo, por localização, segmento produtivo, ano de fundação e quantidade de empregos gerados:

### QUADRO 01

#### Unidades industriais selecionadas para a pesquisa de campo no sudoeste paranaense – 2008-09

<i>Nome fantasia</i>	<i>Localização (município)</i>	<i>Segmento</i>	<i>Ano de fundação</i>	<i>Empregos (nº.)</i>
Brasmacol	Chopinzinho	Madeira (molduras)	1992	98
Camilotti Camidoor	Francisco Beltrão	Madeira (portas etc.)	1954	313
Folem	Enéas Marques	Matéria - prima para rações	2000	210
Frango Seva	Pato Branco	Carnes de frango	1974	500
Gaam Gabinetes	Ampére	Gabinetes p/banheiro	1995	130
Gralha Azul Avícola	Francisco Beltrão	Ovos fertilizados	1971	265
Inplasul Embalagens	Pato Branco	Embalagens plásticas flexíveis	1973	490
Keiser	Francisco Beltrão	Vestuário (fação)	1984	67
Krindges	Ampére	Vestuário	1977	1.050
Kucmaq	Dois Vizinhos	Máquinas e equipamentos	1993	70
Latco	Francisco Beltrão	Laticínios	1989 <sup>(*)</sup>	140
Latreille Jeans	Dois Vizinhos	Vestuário	1982	350
Marel	Francisco Beltrão	Mobiliário	1967	240
Mazza	Francisco Beltrão	Madeira (portas etc.)	1999	143
MTA	Marmeleiro	Alumínios	1992	55
Notável Móveis	Ampére	Mobiliário	1994	140
Sadia	Dois Vizinhos	Carnes de frango	1978 <sup>(*)</sup>	2.600
Silofértil	Pato Branco	Silos e máquinas	1989	69
ST Usinagem	Pato Branco	Peças para a indústria de Eletrodomésticos	1993	40
Sulmetal	Dois Vizinhos	Máquinas e equipamentos	1994	85
<b>Traymon Confeções</b>	Santo Antônio do Sudoeste	Vestuário	1987	300

FONTE: Pesquisa de campo – jan. de 2008 a jan. de 2009.

NOTA: <sup>(\*)</sup> Para esse caso, trata-se do ano de instalação da unidade nesse município.

Como podemos observar pelos dados e informações expostas nesse quadro, selecionamos o total de 21 unidades industriais para a pesquisa, distribuídas em 8 municípios do Sudoeste do Paraná. Como mostraremos adiante, principalmente pelos mapas 4 e 5, a maior parte da indústria regional se concentra nos municípios de Francisco Beltrão, Pato Branco, Dois Vizinhos e Ampére, devendo-se destacar, também, os municípios de Coronel Vivida, Chopinzinho, Capanema e Santo Antônio do Sudoeste.<sup>4</sup> Então, os municípios mais industrializados foram aqueles que tiveram maior número de unidades selecionadas. Selecionamos as empresas, também, considerando as suas respectivas participações no valor da produção industrial regional (segundo dados do IPARDES, 2004b), além de considerar os segmentos de maior expressão. Por isso, pesquisamos uma maior quantidade de estabelecimentos dos ramos de alimentos e do vestuário.

## QUADRO 02

### População urbana por municípios do sudoeste paranaense – 2007

<i>Município</i>	<i>População urbana (n.º)</i>	<i>Município</i>	<i>População urbana (n.º)</i>
Ampére	11.607	Nova Prata do Iguaçu	5.843
Barracão	6.327	Pato Branco	61.749
Bela Vista da Caroba	790	Pérola d'Oeste	2.916
Boa Esperança do Iguaçu	859	Pinhal de São Bento	857
Bom Jesus do Sul	541	Planalto	5.228
Bom Sucesso do Sul	1.329	Pranchita	3.477
Capanema	10.011	Realeza	10.562
Chopinzinho	10.889	Renascença	3.179
Coronel Vivida	14.428	Salgado Filho	2.121
Cruzeiro do Iguaçu	2.347	Salto do Lontra	5.997
Dois Vizinhos	25.073	Santa Izabel do Oeste	6.311
Enéas Marques	1.547	Santo Antônio do Sudoeste	12.168
Flor da Serra do Sul	1.228	São João	6.324
Francisco Beltrão	60.444	São Jorge d'Oeste	4.819
Itapejara d'Oeste	6.550	Saudade do Iguaçu	2.300
Manfrinópolis	609	Sulina	1.319
Mariópolis	4.098	Verê	3.204
Marmeleiro	7.722	Vitorino	3.446
<b>Nova Esperança do Sudoeste</b>	1.125	–	–

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados da *Contagem da População de 2007* (IBGE, 2009).

<sup>4</sup> Merece destaque outros municípios da região – Enéas Marques e Itapejara d'Oeste, por exemplo –, não pela indústria em geral; mas pela atuação de pelo menos uma empresa relevante, como são os casos da Folem (no primeiro município) e da Anhambí Alimentos (instalada no segundo).

A partir de dados do IBGE (2007), verificamos que os municípios que apontamos ser os mais industrializados da região (Pato Branco, Francisco Beltrão etc.), são os que possuem populações urbanas maiores. Por outro lado, observamos que muitos municípios (Bom Jesus do Sul, Manfrinópolis, Bela Vista da Caroba, entre outros) possuem cidades com populações bem pequenas. Eles são justamente os menos industrializados da região (quadro 02).<sup>5</sup>

Depois de selecionadas as empresas onde realizaríamos a pesquisa de campo, selecionamos alguns bairros das cidades mais industrializadas da região para pesquisarmos os trabalhadores da indústria. Optamos por essa forma de coleta de dados e informações, porque diretamente nas empresas não teríamos oportunidade para conversar com os operários, à medida que as entrevistas demandavam certo tempo para serem realizadas. Por outro lado, verificamos que seria mais interessante realizarmos a pesquisa nos bairros, porque, de certa forma, nos permitiria ter noção das condições gerais de vida dos trabalhadores do Sudoeste do Paraná.<sup>6</sup> Dessa forma, realizamos o total de 32 entrevistas com trabalhadores da indústria da região,<sup>7</sup> residentes nos bairros: Padre Ulrico, Sadia, Pinheirão e Marrecas (na cidade de Francisco Beltrão); Planalto, Bela Vista e São Francisco (em Pato Branco); Santa Luzia e Jardim Concórdia (em Dois Vizinhos) e Colina Verde e Santa Paulina, na cidade de Ampére. Como trataremos no desenvolvimento dessa Dissertação, alguns desses bairros podem ser chamados de “bairros operários”, tamanha a quantidade de moradores que trabalham na indústria.

Outro meio que utilizamos para coletar informações para essa pesquisa, foi a visita a sindicatos patronais da indústria regional, como são os casos do Sindicato das Indústrias de Móveis e Madeira do Sudoeste do Paraná (SINDMADMOV) e Sindicato das Indústrias do Vestuário do Sudoeste do Paraná (SINVESPAR). Também obtivemos informações, principalmente sobre as relações de trabalho, ao

---

<sup>5</sup> Pelo mapa 01 (exposto anteriormente), podemos verificar a localização geográfica dos municípios do Sudoeste paranaense onde selecionamos empresas para a pesquisa de campo.

<sup>6</sup> O estudo de Engels (1986), em relação à classe trabalhadora na Inglaterra (de meados do século XIX), nos mostrou que a pesquisa realizada nos locais de residência dos trabalhadores permite termos noção das condições de habitação, saneamento, alimentação etc.

<sup>7</sup> Nessa pesquisa – realizada no mês de janeiro de 2009 –, entrevistamos trabalhadores ocupados nos segmentos da indústria de alimentos, vestuário, madeira, mobiliário, alumínio, mecânica industrial, plásticos e eletrodomésticos. Pesquisamos trabalhadores que exerciam várias funções, desde auxiliares ou ajudantes de produção, operadores de máquinas, mecânicos industriais, supervisores de produção, entre outras ocupações.

visitarmos os sindicatos dos trabalhadores, como são os casos do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Francisco Beltrão e Região (SINDALIMENTOS); Sindicato dos Empregados nas Indústrias do Vestuário e Confecções em Geral de Francisco Beltrão e Região (SINDECONFAB) e Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Serrarias, Carpintarias, Marcenarias, Tanoarias de Francisco Beltrão e Região (SINTRAMADEMÓVEIS).

Outras fontes importantes para a coleta de dados e informações, acerca da indústria do Sudoeste do Paraná, foram o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – especialmente a agência de Francisco Beltrão – e a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP), especialmente a unidade desse mesmo município. Aliás, os censos industriais, demográficos, agropecuários, bem como as pesquisas da pecuária municipal, orçamento familiar, entre outras, realizadas pelo IBGE, foram muito importantes ao oferecer dados secundários para a realização dessa pesquisa.

A redação dessa Dissertação, basicamente se divide em 5 capítulos. Procuramos apresentar esse trabalho, grosso modo, da forma que verificamos ocorrer o processo de industrialização no Sudoeste paranaense.<sup>8</sup> Dessa forma, no primeiro capítulo analisamos a importância que a indústria, principalmente o segmento da madeira, teve para efetivar a ocupação populacional dessa região. De certa forma, verificamos que os estudos de Corrêa (1970a e 1970b), Padis (1981), Abramovay (1981) e Wachowicz (1987) ressaltam a importância que os fluxos migratórios, principalmente vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tiveram trazendo milhares de famílias de pequenos camponeses. Porém, verificamos que entre os migrantes que ocuparam essa região, estavam também os madeireiros que acabaram por transformar em madeira os imponentes troncos de araucárias que cobriam grande parte do solo regional. Essas serrarias foram importantes para a ocupação, porque estimularam a abertura de estradas (pois a madeira passou a ser transportada por caminhões), a formação dos primeiros povoados (já que forneciam energia elétrica para as residências dos seus operários), além de estimularem a instalação de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços etc. (por conseguinte, atividades responsáveis pelo crescimento das cidades).

---

<sup>8</sup> Para não ter que escrever sempre o nome completo dessa região, em certos momentos escreveremos, simplesmente, Sudoeste (com inicial maiúscula).

No segundo capítulo, analisamos a importância que o capital financeiro – principalmente a partir da década de 1970 – teve para estimular a modernização da agricultura, bem como a instalação de novas unidades industriais, inclusive, *não* tradicionais na região, até essa época, como foram os casos dos segmentos do vestuário e de embalagens plásticas. Verificamos que o capital financeiro, atuando tanto na agricultura como na indústria, acabou por desintegrar um complexo rural existente no Sudoeste do Paraná. Tal complexo, se caracterizava por comportar uma formação social calcada na pequena produção mercantil, tanto de grãos (milho, feijão, arroz e trigo), carnes (principalmente de suínos), bem como de atividades artesanais (especialmente moinhos de farinhas); o que Marx e Engels (1998), Lenin (1982), Kautsky (1986) e Rangel (1990) – entre outros pensadores que constituem o que chamamos de *matriz teórica marxista* – chamariam de pequena indústria rural. Com a desintegração desse complexo rural, as atividades não-agrícolas (tipicamente industriais) foram levadas para algumas cidades da região (especialmente para Francisco Beltrão e Pato Branco), que, aliás, começaram crescer em número de habitantes; o que, por conseguinte, contribuiu para a formação de uma demanda para a produção regional, inclusive de produtos industriais.

Posteriormente, no capítulo 3, analisamos o desempenho da indústria do Sudoeste paranaense a partir dos anos 1980, período compreendido numa fase recessiva do ciclo de desenvolvimento econômico. O crescimento da indústria dessa região, mostra que – assim como Rangel (2005b) mencionou – mesmo nas fases de recessão é possível o crescimento da economia nos países periféricos, à medida que nos países desenvolvidos a economia encontra dificuldades para forçar a depreciação da matriz tecnológica vigente e, assim, introduzir as inovações que tornem o trabalho mais produtivo. Ocorre que essa região do Paraná ofereceu determinados condicionantes para a instalação de unidades industriais, principalmente a partir da década de 1990. Entre esses condicionantes, destacamos a produção de determinadas matérias-primas para certos segmentos industriais, como é o caso do leite; a formação social, marcada pela presença de pequenos proprietários de terras, que permitiu a inserção da indústria avícola na região; e a força de trabalho a custo atraente, se comparado a outras regiões do país.

Quando mencionamos que a formação social do Sudoeste foi um atrativo para a instalação da indústria avícola, estamos nos referindo ao fato de que

existindo uma quantidade considerável de pequenos proprietários de terra, a indústria avícola, ao fazer uma integração (parceria) com os avicultores, evita de ter que adquirir a terra ou alugá-la (um custo desnecessário, segundo MARX, 1985a); além de não ter que despendir uma grande quantidade de capital na construção dos criatórios (aviários), já que o *capital fixo* (despendido em edificações, máquinas etc.), segundo Marx (1984b), demora para ser recuperado. Ocorre que os pequenos agricultores, sendo proprietários de terras, possuem certo capital ou possibilidade de cederem as próprias terras como hipoteca para tomarem empréstimo bancário para arcarem com os custos da construção dos aviários, além de entrarem com a mão-de-obra para criar as aves.

No capítulo 4, analisamos a capacidade que a indústria tem para atrair a instalação de novas unidades industriais. No Sudoeste paranaense, verificamos que em alguns casos, como nos segmentos avícola e de eletrodomésticos, praticamente estão surgindo certos complexos industriais. Observamos que a renda da terra, derivada da propriedade privada do solo, se levanta como um obstáculo ao processo de industrialização, como aliás já ressaltou Marx (1985a). Porém, também observamos, como já indicou este autor, que o sistema capitalista de produção encontra estratégias para subordinar a renda da terra. No caso dessa região do Paraná, verificamos a importância das políticas municipais de fomento à industrialização (os distritos ou parques industriais), que se realizam especialmente por meio de doação ou empréstimo de terrenos, barracões industriais e, em certos casos, incentivos fiscais para que as novas empresas se instalem. Isso tem ocorrido, principalmente nos municípios de Francisco Beltrão, Pato Branco, Dois Vizinhos e Ampére.

Ainda nesse capítulo, analisamos a relevância das inovações utilizadas em algumas unidades industriais instaladas na região. Em certos casos, verificamos que as inovações ocorrem na aproximação da empresa com os clientes, como são os casos da Marel (ramo do mobiliário) e da Latreille Jeans (vestuário), que estão procurando instalar lojas próprias. Em outras empresas, como é o caso da ST Usinagem (produtora de componentes metálicos para a indústria de eletrodomésticos), ocorre inovação diretamente na produção, realizada por meio de aperfeiçoamentos nos métodos produtivos, visando reduzir custos de produção e melhoria de qualidade do produto final. Outra forma de inovação, ocorre por meio

dos capitalistas empreendedores (para utilizar um termo de SCHUMPETER, 1988), como são os casos das empresas MTA (produtora de utensílios domésticos de alumínio), Notável Móveis (mobiliário), entre outras, em que os proprietários foram representantes comerciais (vendedores) e, dessa forma, conhecem bem as necessidades da demanda.<sup>9</sup>

Finalmente, no capítulo 5 analisamos a importância da indústria para o desenvolvimento em geral do Sudoeste paranaense. Verificamos que o processo de industrialização tem contribuído consideravelmente para retirar essa região do isolamento, integrando-a a economia nacional e, inclusive, internacional. Contrariando certos movimentos sociais, ONG's etc., que acreditam que a economia urbana, inclusive a indústria, não consegue absorver a força de trabalho liberada pela agricultura e, então, procuram incentivar a contenção do êxodo rural, fixando o homem no campo; verificamos que, apesar de todas as inovações que eliminam postos de trabalho, a economia urbana (indústria, comércio e serviços) consegue aumentar absolutamente a oferta de trabalho, como aliás já mencionou Marx (1985a). Nessa pesquisa, ainda verificamos que a indústria contribuiu notavelmente para o processo de urbanização regional, além de contribuir para a geração de renda. Também verificamos que essa renda gerada, apesar da concentração inerente ao sistema capitalista de produção, resultou numa melhoria das condições gerais de vida (habitação, vestuário, alimentação, educação etc.), inclusive para a classe trabalhadora.

Apesar das dificuldades que enfrentamos para a realização de tal pesquisa (falta de dados, de informações, de tempo para o estudo etc.), ressaltamos que essa Dissertação não se trata simplesmente de uma, entre tantas, *propostas* de abordagem em Geografia. Especificamente, não se trata de uma ótica essencialmente idealista ou eclética de interpretação. Mas, fundamentalmente buscamos desvendar a importância da industrialização para o desenvolvimento do Sudoeste paranaense. Ou seja, não partimos de premissas (principalmente, *apriorísticas*), já que verificamos que o materialismo é histórico; por conseguinte, tendo que ser descoberto e não inventado.

---

<sup>9</sup> Já a Folem, em nosso entendimento, enquadra-se naquilo que Marx (1984b) chamaria de inovação em utilização de resíduos ou excrementos da produção, já que essa empresa processa vísceras de aves, transformando-as em matérias-primas para a produção de rações.

# CAPÍTULO I

## INDUSTRIALIZAÇÃO DA MADEIRA E POVOAMENTO DO SUDOESTE PARANAENSE

A região do Paraná compreendida entre a margem esquerda do rio Iguaçu e o Oeste catarinense, até a fronteira com a Argentina, não é homogênea, tanto nos aspectos naturais quanto da formação social. Em grande parte da região onde na atualidade existem os municípios de Palmas, Coronel Domingos Soares, Clevelândia, Honório Serpa e Mangueirinha a vegetação natural é de campos; enquanto que na área compreendida pelos municípios de Chopinzinho, Pato Branco, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos, até a fronteira com a Argentina (Barracão, Santo Antônio do Sudoeste, Capanema etc.), predominava a vegetação de matas.

Enquanto na região de campos se desenvolveu uma formação social marcada pela presença de, basicamente, duas classes, os fazendeiros e os seus “peões”, na região de matas se forjou uma formação social mais diversificada, incluindo pequenos agricultores (e proprietários de terras), pequenos comerciantes, artesãos e até pequenos industriais (especialmente do ramo da madeira).

Nesse capítulo, analisaremos a formação social no Sudoeste do Paraná, porque entendemos que tal formação foi fundamental para o processo de industrialização, que aliás fora importante para o próprio povoamento dessa região.

### 1.1 Primórdios da Ocupação do Sudoeste do Paraná

Geralmente o que se chama “Sudoeste”, refere-se a uma área territorial maior da que o IBGE (1990) define como *Mesorregião Geográfica Sudoeste do Paraná*. Como podemos observar pelo mapa 01, na atualidade a mesorregião Sudoeste paranaense<sup>10</sup> é composta por 37 municípios, exceto a região dos Campos de Palmas (municípios de Palmas, Clevelândia, Mangueirinha etc.), que fazem parte da *Mesorregião Geográfica Centro-Sul do Paraná*, de acordo com o

---

<sup>10</sup> Como já mencionamos anteriormente, para facilitar a redação, em alguns momentos, iremos escrever apenas Sudoeste em vez de Sudoeste paranaense ou Sudoeste do Paraná.

IBGE. No entanto, como trataremos adiante, seria a partir de população proveniente dos Campos de Palmas que a região de matas começaria a ser povoada. Dessa forma, entendemos ser necessário, embora que brevemente, analisar o povoamento e a formação social na região de Palmas.

De acordo com estudos do IBGE (1959), os Campos de Palmas foram descobertos pelos homens brancos ainda no ano de 1726, especificamente pelo bandeirante Zacarias Dias Côrtes, que passou pela região quando objetivava encontrar ouro no Uruguai. Porém, o povoamento desses campos teria iniciado somente a partir de 1839, quando o sertanista Joaquim Ferreira dos Santos, proveniente de Guarapuava – PR, fundou a primeira fazenda para criar gado nessa região. Ainda por volta de 1840 o sertanista Pedro de Siqueira Côrtes, também teria entrado nesses campos com o objetivo de criar gado (bovinos e cavalos), o que inclusive causaria um conflito entre os dois colonizadores<sup>11</sup> pela posse da terra.<sup>12</sup>

Se na área de campos teria ocorrido o início do povoamento ainda em meados do século XIX, como mencionamos, a área situada ao oeste de Palmas manteve-se praticamente despovoada até o final desse mesmo século. Ocorre que, conforme Maack (2002), essa região não era coberta por vegetação de campo, mas por matas densas, inclusive, em grande proporção por florestas de araucárias (*Araucária angustifolia*).

Ora, se lembrarmos dos estudos de Leo Waibel, verificaremos que para o povoamento as áreas de campos são preferidas em relação às áreas com matas. Por exemplo, a ocupação territorial de grande parte do sul do Brasil ocorreu primeiramente nas áreas de campos. Como a principal atividade econômica desenvolvida foi a pecuária extensiva (quando o gado era criado solto no pasto), as regiões de campos naturais ofereciam vantagens em relação às áreas de matas, à medida que naquelas predominava a vegetação gramínea e arbustiva, enquanto que

---

<sup>11</sup> Os conflitos pela posse da terra não ocorreram apenas entre brancos, mas entre brancos e indígenas que viviam na região: segundo Ribeiro *apud* Abramovay (1981), ainda no início do povoamento dos Campos de Palmas, por volta de 1843, diversos ataques de índios teriam abalado a atividade dos primeiros fazendeiros da região. Vencida a batalha contra os indígenas, vários criatórios de gado foram se instalando: por volta de 1844 já existiam 37 fazendas em Palmas.

<sup>12</sup> Conforme o já mencionado estudo do IBGE, e a partir de Machado e Balhana *apud* Padis (1981), verificamos que o povoamento dos Campos de Palmas iniciou devido a estímulo governamental; isto é, quando o governo da Província do Paraná começou conceder sesmarias para criadores de gado.

nestas teria que derrubar as árvores e remover os grandes troncos antes de se formar as pastagens.<sup>13</sup>

No Sudoeste do Paraná, a região de matas também não foi explorada pela pecuária extensiva, pelo menos até as primeiras décadas do século XX. De acordo com Bernardes (1953), como essa região oferecia o problema de abrigar índios, muitas vezes, hostis aos pecuaristas de Palmas, a partir da segunda metade desse século a Província do Paraná decidiu criar colônias militares para ocupar essas matas e, de certa forma, combater os indígenas quando necessário. Assim, em 1882 foi criada a colônia militar “Xopim” [Chopim], composta por um comandante, um oficial do exército e cerca de 50 soldados, que além de se encarregarem da defesa da região receberam terras e ferramentas para a lavoura. Porém, como essa colônia estava localizada numa região de densas matas, por conseguinte, isolada de outras regiões, praticamente não progrediu além da função de um simples “posto militar.”<sup>14</sup>

Aliás, de acordo com Corrêa (1970a), a região paranaense compreendida entre a margem esquerda do rio Iguaçu e a região oeste catarinense, até a fronteira com a Argentina (ao oeste), no ano de 1900, possuía apenas cerca de 3.000 habitantes. Pelo mapa 02, podemos verificar que até o ano de 1938 existiam apenas dois municípios nessa região: Clevelândia (que compreendia grande parte do atual Sudoeste paranaense) e Palmas, esse localizado mais ou menos ao sudeste de Clevelândia. Ainda podemos observar que nessa época existiam apenas três vilas – Pato Branco, Mangueirinha e Chopim – e sete povoados, o que nos permite entender o porquê dessa baixíssima densidade demográfica.

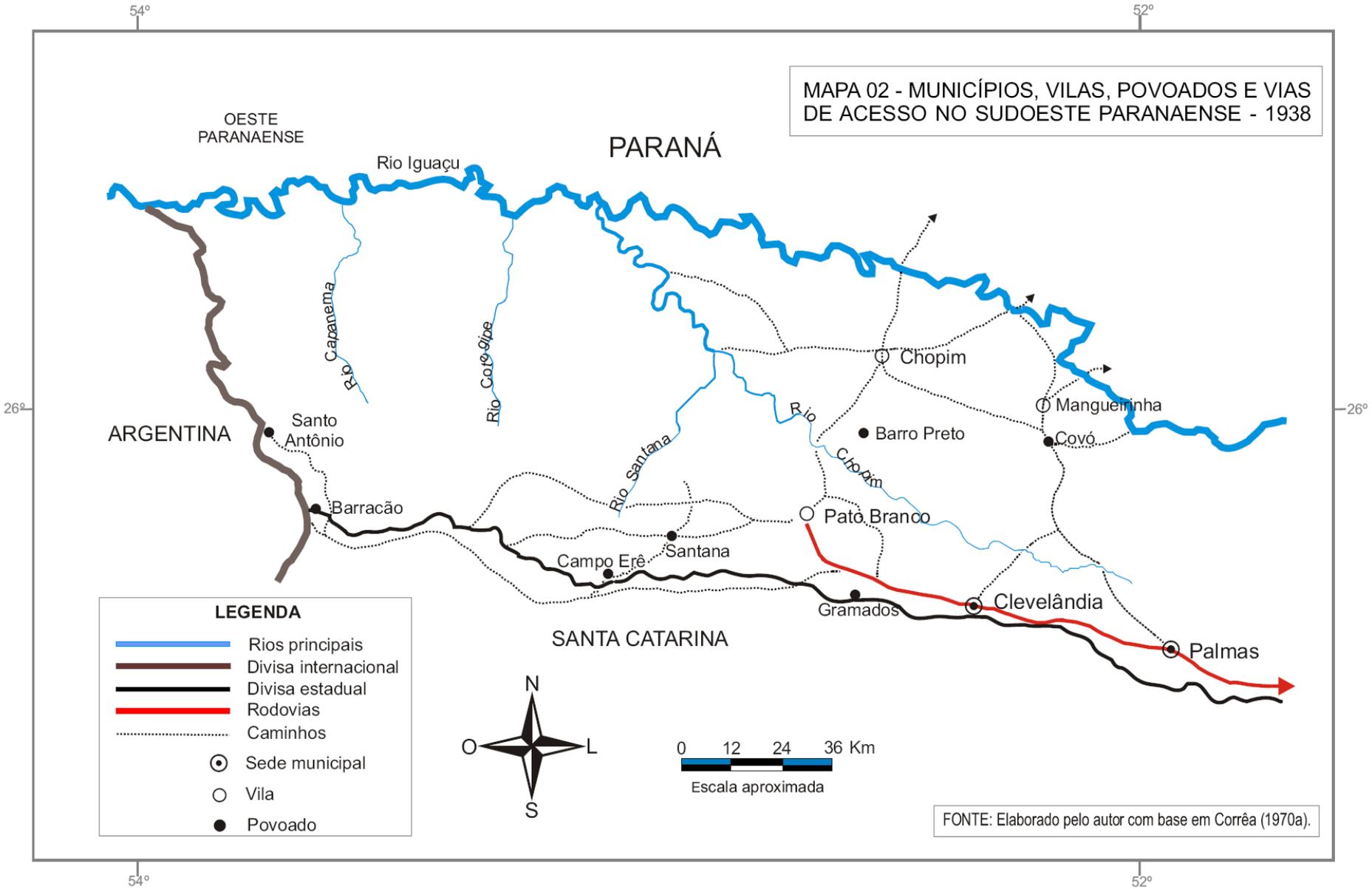
Por esse mapa, podemos verificar que o povoamento começou praticamente de leste para oeste, já que as poucas estradas e caminhos existentes nessa região, nessa época, quase não ultrapassavam o território do atual município de Pato

---

<sup>13</sup> Especialmente no Rio Grande do Sul a ocupação das áreas de matas – deixadas de lado pelos pecuaristas brasileiros até o início do século XIX – ocorreu a partir da introdução de colonos imigrantes da Europa, principalmente provenientes da Alemanha e da Itália. Esse processo de imigração, e de colonização, foi promovido pelo governo brasileiro. Nesse caso, coube aos imigrantes europeus ocupar as áreas de florestas, desenvolvendo, em geral, uma agricultura de subsistência, pelo menos num primeiro momento (WAIBEL, 1979).

<sup>14</sup> É importante destacar que essas colônias militares não foram criadas apenas para combater os índios hostis, mas também para garantir a posse do território que estava em litígio. Ocorre que até o final do século XIX grande parte do Sudoeste paranaense, e inclusive parte do Oeste catarinense, estava sendo disputado entre o Brasil e a Argentina. Somente a partir de 1895 essa área seria legalmente incorporada ao território brasileiro, inclusive com intervenção arbitrária do presidente estadunidense Grover Cleveland (BERNARDES, 1953).

MAPA 02 - MUNICÍPIOS, VILAS, POVOADOS E VIAS DE ACESSO NO SUDOESTE PARANAENSE - 1938



FONTE: Elaborado pelo autor com base em Corrêa (1970a).

Branco.<sup>15</sup> Dessa forma, em toda a parte central do Sudoeste, onde na atualidade se localizam os municípios de Francisco Beltrão, Dois Vizinhos, Ampére, entre outros, não existia indícios de povoaamentos.

De acordo com Wachowicz (1987), os primeiros homens brancos<sup>16</sup> que vieram para essa região saíram, em geral, dos Campos de Palmas, onde no início do século XX já existia certa pressão demográfica; obrigando os fazendeiros dispensar o serviço de parte dos seus peões. Então, sem emprego as famílias desses antigos peões começaram paulatinamente ocupar as matas da região mais ao oeste, em direção aos territórios dos atuais municípios de Vitorino, Pato Branco, Coronel Vivida e Chopinzinho. Dessa forma, entendemos o porquê do povoamento ter ocorrido primeiramente próximo dos Campos de Palmas, já que era dessa região que saíram os primeiros fluxos migratórios para o Sudoeste.

A partir do estudo de Corrêa (1970a), também podemos levantar outros motivos que foram responsáveis pela baixa densidade demográfica do Sudoeste paranaense. Para este autor, os primeiros moradores dessa região viviam basicamente da exploração de recursos naturais, como foi o caso da extração da erva-mate, atividade econômica desenvolvida especialmente na faixa de fronteira (principalmente em Barracão e Santo Antônio do Sudoeste). Nessa área o mate foi extraído por empresas argentinas, tais como a *Pastoriza* – que na década de 1930 possuía mais de 35.000 hectares de ervais em território paranaense – e a *Nuñes y Gibaja*, localizada em Bernardo de Irigoyen (República Argentina), na divisa com as cidades paranaenses de Santo Antônio do Sudoeste e Barracão.

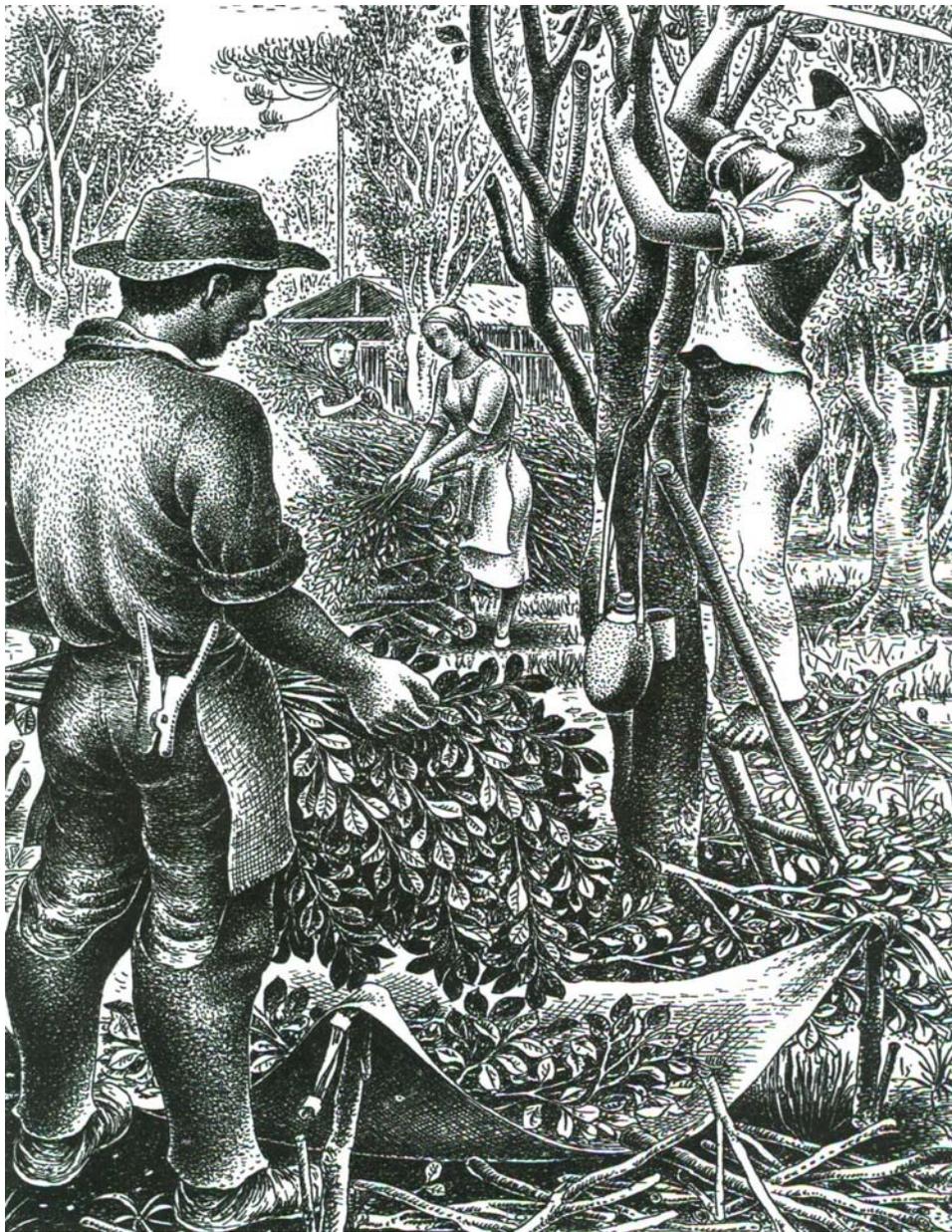
Aliás, segundo Corrêa, no período de extração do mate no Sudoeste paranaense, tanto essa atividade produtiva quanto as condições de vida da população eram primitivas (pouco desenvolvidas) e, inclusive, “dependentes de centros externos até mesmo para alguns serviços de uso corrente, como ocorria na fronteira onde as crianças brasileiras freqüentavam as escolas argentinas” (CORRÊA, 1970a, p. 92). Aliás, pela figura 01 podemos verificar que a produção do

---

<sup>15</sup> O povoado que deu origem ao município de Pato Branco começou surgir a partir de 1918, quando o governo do estado do Paraná criou a “Colônia Bom Retiro”, objetivando assentar as famílias paranaenses envolvidas na chamada “Guerra do Contestado”. Ocorre que em 1916 essa área de litígio entre os estados do Paraná e Santa Catarina, passou para domínio catarinense, deixando centenas de famílias de camponeses paranaenses desabrigadas (VOLTOLINI, 2000).

<sup>16</sup> Entre os povos nativos que viviam nas terras do Sudoeste do Paraná, até a época do povoamento, destacam-se principalmente as nações Guarani e Kaingang.

mate desenvolvida no Paraná e em Santa Catarina, nessa época, tratava-se de atividade rudimentar. Tal extração, era realizada por meio de instrumentos simples, tais como facões, por conseguinte, utilizando trabalho braçal e inclusive de mulheres. De acordo com esse autor, no início do século XX os “ervateiros” viviam embrenhados nas matas, coletando as folhas da erva-mate, sapecando-a, cacheando-a e levando-a até o comércio, em geral, realizado por pequenos bodegueiros estabelecidos na vila de Pato Branco ou na fronteira com a Argentina (principalmente em Barracão).



**FIGURA 01 - Ervateiros atuando na extração da erva-mate no sul do país**

FONTE: TIPOS e aspectos do Brasil: ervateiros. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro. Ano 5, nº. 1, jan./mar. 1943, p. 130.

De acordo com Padis (1981), apesar da extração da erva-mate ter sido importante para a economia paranaense, principalmente até a década de 1930, essa atividade pouco contribuiu para o povoamento, basicamente por dois motivos: 1) por ser sazonal, portanto, não ocupando a mão-de-obra de forma contínua, mas apenas em alguns meses do ano, e, 2) por não se constituir como um produto de primeira necessidade para a alimentação, por conseguinte, não aumentando o consumo desse produto à medida que aumente a população em geral. Há de se ressaltar ainda que a extração do mate, naquela época, tratava-se de atividade que utilizava baixo nível tecnológico, por conseguinte, não estimulando o surgimento de ramos industriais voltados à produção de máquinas e equipamentos para a industrialização desse produto; algo que poderia demandar mais força de trabalho e, conseqüente, fluxos de migração para a região.<sup>17</sup>



**FIGURA 02 - Tropa de mulas utilizadas para o transporte de mercadorias, inclusive mate**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto de Krüger (2004, p. 35).

<sup>17</sup> Inclusive, Padis ressaltava que nenhuma cidade do Paraná se desenvolveu durante o ciclo de extração da erva-mate, que teria durado de 1870 a 1930, aproximadamente.

Um fator citado, tanto por Corrêa (1970a), quanto por Wachowicz (1987) e Krüger (2004), que nos faz verificar o porquê do pouco estímulo dado ao povoamento das matas do Sudoeste do Paraná, até as primeiras décadas do século XX, é a forma que o mate era transportado até os pontos de comercialização. Tanto para a fronteira com a Argentina como para a cidade paranaense de União da Vitória, esse produto era transportado por tropas de mulas (figura 02).<sup>18</sup> Dessa forma, tal atividade não demandou a criação de uma estrutura viária nessa região, o que de certa forma dificultou a entrada de fluxos migratórios mais intensos.

Por fim, verificamos que no período da atividade ervateira, além de quase não se atrair fluxos migratórios para o Sudoeste paranaense, ao contrário, ocorreu a emigração de parte da população dessa região para o estrangeiro; pois “muitos brasileiros iam procurar empregos na Argentina em fábricas de lã e em serrarias do território de Misiones” (WACHOWICZ, 1987, p. 61).

Outra atividade econômica que se desenvolveu no Sudoeste do Paraná, ainda na primeira metade do século XX, foi a criação extensiva de porcos. Podemos ter noção da forma que essa pecuária era praticada na região a partir do estudo de Roberto Lobato Corrêa:

A criação de porcos era realizada em sistemas os mais primitivos. De um lado dominava a criação de porcos soltos no mato – a criação do porco “alçado” – alimentados exclusivamente daquilo que a vegetação fornecia, sobretudo de frutos silvestres tombados ao chão, dos quais o pinhão era o mais alimentício. Neste sistema primitivo, onde o único trato que os suínos recebiam era o sal, os porcos eram criados até atingirem algumas dezenas de quilos, quando então eram vendidos aos “safristas” que os engordavam, ou, atingindo certo tamanho eram vendidos aos compradores localizados em União da Vitória [...] O sistema de “safra” constituía a segunda etapa da criação de suínos. O “safrista”, com seus familiares ou com pessoal contratado, embrenhava-se na mata onde abria uma clareira com 10, 25, 50 ou mesmo mais de 100 hectares, aí plantando o milho a partir de agosto. Em meados do ano seguinte os porcos eram soltos no milharal sendo parcialmente engordados. Eram então tocados a pé até União da Vitória, Guarapuava, Ponta Grossa, Castro e Jaguariaíva, onde eram negociados nos açougues, com comerciantes, ou com os compradores dos frigoríficos ou então vendidos a outros “safristas” que acabavam de os engordar (CORRÊA, 1970a, p. 92-3).

---

<sup>18</sup> Segundo Corrêa, alguns ervateiros se encarregavam de levar o mate para a fronteira e trazer da Argentina produtos, tais como açúcar, sal, tecidos, ferragens, bebidas, querosene, entre outros, utilizados na alimentação de seus familiares, bem como de outros caboclos estabelecidos na região.

As figuras 03 e 04, retratam “safras” de porcos produzidas no Sudoeste do Paraná em dois períodos históricos, nas décadas de 1940 e 60:



**FIGURA 03 - Porcos soltos em um mangueirão na região de Francisco Beltrão – ano 1940**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto de Krüger (2004, p. 45).



**FIGURA 04 - Manada de porcos no município de Enéas Marques – anos 1960**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto do arquivo da Divisão de Cultura do município de Enéas Marques.

Porém, esse tipo de pecuária logo enfrentaria o problema da escassez de terras, por conseguinte, não combinando com um povoamento de maior densidade demográfica. Ocorre que

Essa atividade, nos moldes em que era praticada, necessitava de amplas áreas – 1 cabeça para 5 hectares de mato no sistema de ‘porco alçado’, e 4 cabeças por hectare de milho no sistema de ‘safra’ [...] – não podendo coexistir com uma intensa ocupação do solo. Ela é, pois, uma atividade de áreas de muito baixa densidade demográfica, e à medida que o povoamento com colonos progredia, essa atividade afastava-se para áreas mais remotas (CORRÊA, 1970a, p. 93).

Para Corrêa, um grande estímulo para a criação de porcos no Brasil, inclusive no Sudoeste paranaense, ocorreu a partir do final dos anos 1920, quando a grande crise obrigou o país a substituir parte das importações, inclusive a gordura animal. Dessa forma, a partir dessa época a banha de porco se tornaria um produto alternativo para a alimentação da população brasileira.<sup>19</sup>

Se considerarmos o entendimento de Ignácio Rangel, acerca da substituição de importações, verificaremos que a criação de porcos – inclusive a desenvolvida no Sudoeste paranaense –, realmente contribuiu como produto alternativo às importações. Segundo esse autor:

Pelo fato de ter a economia brasileira nascido, historicamente, do comércio exterior, toda a produção nacional voltada para o consumo interno (produtivo ou improdutivo, isto é, consumo, e inversão) pode ser conceituada como substituição de importações (RANGEL, 2004, p. 43-4).

No entanto, há de se ressaltar que, de acordo com este autor, quando a substituição de importações ocorre em âmbito capitalista se desencadeia o processo de industrialização (e de urbanização), mas, pelo contrário, quando a substituição se faz por meio de uma economia primitiva, em âmbito natural, ocorre uma

---

<sup>19</sup> Como existia relativo mercado consumidor interno para a carne suína e derivados, no decorrer das décadas de 20, 30 e 40 (do século XX), começaram se instalar diversos frigoríficos, inclusive no Paraná, como são os casos do “Frigorífico Matarazzo”, instalado no município de Jaguariaíva, em 1917, e o “Frigorífico Saporiti”, instalado na cidade de União da Vitória em 1940. Aliás, a produção de porcos no Sudoeste paranaense se destinava a alguns desses frigoríficos.

“agrariação”, permanecendo a maioria da população no campo. Quanto ao período de extração da erva-mate, bem como o da criação extensiva de porcos, realizadas no Sudoeste do Paraná, parece ter ocorrido uma espécie de agrariação, como diria Rangel; pois não verificamos impulsos para industrializar e urbanizar tal região.

Em síntese, verificamos que no período de extração do mate e de criação extensiva de porcos<sup>20</sup> não ocorreu estímulos para a implantação de estradas, o que dificultou a efetivação de um povoamento mais intenso nessa região. Aliás, se recorrermos mais uma vez ao mapa 02, observaremos que até a década de 1930 – por conseguinte, o que abrange o período de extração de erva-mate e das “safras de porcos” – essa região possuía pouquíssimas estradas e caminhos.<sup>21</sup>

## 1.2 Formação Social e Produção Mercantil

De acordo com Wachowicz (1987), o fluxo migratório mais intenso que povoou o Sudoeste paranaense teria ocorrido a partir do final dos anos 1940, e especialmente nos primeiros anos da década de 1950, porque se instalou nessa região (na vila Marrecas, que mais tarde se tornaria a sede do município de Francisco Beltrão) a Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO). Essa colonizadora (criada por Getúlio Vargas, em 1943), objetivava promover a ocupação dessa região de fronteira que, até então, estava despovoada e, por conseguinte, desprotegida. Para tal povoamento, promoveu-se a vinda de milhares de famílias de pequenos agricultores, artesãos e comerciantes provenientes, em grande maioria, dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

---

<sup>20</sup> Além da extração da erva-mate e das safras de porcos, que não promoveram um povoamento efetivo, como viemos destacando, se desenvolveu no Sudoeste paranaense um sistema de cultivo agrícola fundamentado em métodos primitivos de produção, uma “economia cabocla”, como preferiu chamar Abramovay (1981). Para este autor, os caboclos que viveram nessa região do Paraná, nas primeiras décadas do século XX, alimentavam-se basicamente dos recursos da floresta: caça, pesca, coleta de frutos etc. As pequenas áreas de lavoura que eles cultivavam, eram feitas a partir da abertura de clareiras nas matas. Tratava-se de um sistema de produção rudimentar e poupador de trabalho, à medida que se utilizava basicamente o fogo (queimadas). Como nesse sistema se realizava uma safra e, em seguida, abandonava-se a terra, o caboclo (posseiro) era nômade, mudando-se continuamente, sempre buscando novas áreas de matas. Nessas condições, a economia cabocla também não promoveu um notável povoamento nessa região.

<sup>21</sup> Há de se lembrar que a erva-mate era transportada em lombo de muares, enquanto os porcos eram tocados a pé até os frigoríficos. No máximo os animais eram transportados por “carroções”, traçados por cavalos, por conseguinte, meios de transporte capazes de trafegar por caminhos, inclusive intransitáveis por caminhões, por exemplo.

Pelo mapa 03, verificamos que além dos migrantes dos Campos de Palmas e de Guarapuava, vieram para o Sudoeste do Paraná pessoas provenientes, principalmente, do Oeste catarinense (Concórdia, Chapecó etc.) e do chamado vale do peixe (especialmente de Joaçaba). Da mesma forma, foi considerável a quantidade de migrantes que veio do Rio Grande do Sul, especialmente de Passo Fundo, Soledade, Lagoa Vermelha, Erechin e Palmeiras das Missões.

Segundo Wachowicz, as primeiras famílias que vieram para essa região do Paraná, em geral, eram pouco capitalizadas, inclusive, transportavam o pouco de coisas que possuíam em carroças, traçadas por pares de cavalos ou por juntas de bois. A figura 05, retirada do estudo de Krüger, mostra uma cena típica dessa época:

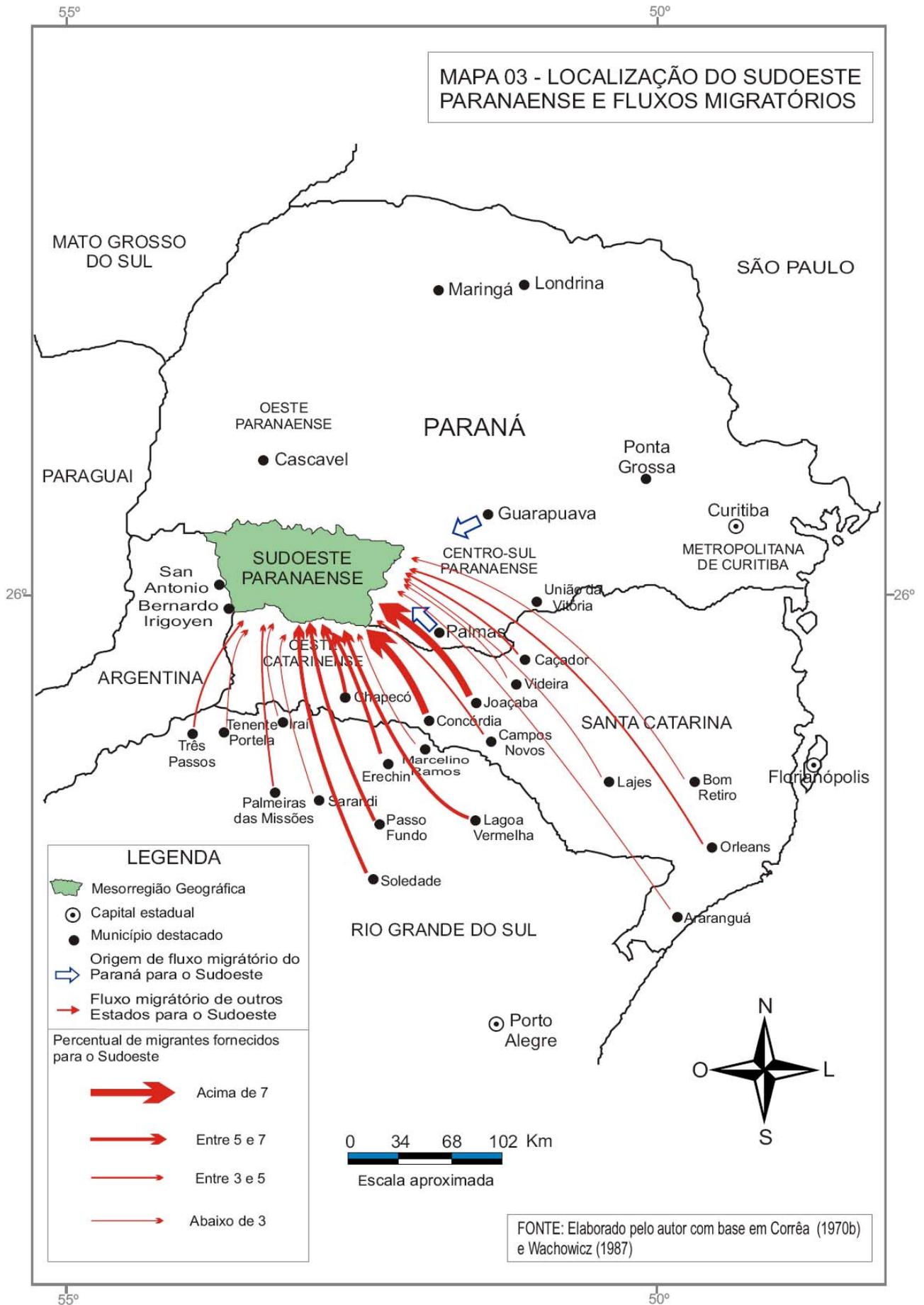


**FIGURA 05 - Família de colonos vinda do sul do Brasil para o sudoeste paranaense**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto de Krüger (2004, p. 206).

A CANGO distribuía a esses colonos<sup>22</sup> um pequeno lote de terra, com tamanho entre 8 e 12 alqueires (entre 19 e 29 hectares, aproximadamente). Além da

<sup>22</sup> Nos estudos de Wachowicz (1987), Abramovay (1981), entre outros, aparece o termo “colonos”, de certa forma, fazendo alusão ao termo utilizado para designar os imigrantes de origem européia que colonizaram algumas regiões no Sul do país.



terra, essa colonizadora federal doava aos colonos (especialmente aos primeiros que chegaram na região) casas, ferramentas agrícolas, sementes, assistência dentária e médico-hospitalar etc. (ABRAMOVAY, 1981).

Para Velho *apud* Abramovay (1981), o governo Getúlio Vargas, apesar de ser oriundo de grandes proprietários de terras do sul do país, frequentemente falava que o latifúndio era mal, especialmente por ser pouco produtivo, mas, ao contrário, ele pensava que a pequena propriedade era muito mais vantajosa na produção de riqueza. Por isso, a partir da década de 1940, Vargas criou a CANGO para por em prática tal projeto: ocupar a longa faixa de fronteira com pequenos agricultores, comerciantes e artesãos.

Ao analisar a formação social no Sudoeste paranaense, verificamos que o pensamento de Getúlio Vargas era coerente naquele contexto. Isto é, a pequena propriedade se torna mais produtiva do que os latifúndios. Mas, antes de começarmos analisar a importância da formação social para essa região do Paraná, acreditamos ser necessário resgatarmos a fundamentação para tal categoria de análise.

O conceito de “formação social”, na Geografia, é abordado especialmente por Milton Santos.<sup>23</sup> Apoiando-se principalmente em estudos de Marx, Engels e Lenin, Santos (1979) menciona que tal categoria de análise não se refere à sociedade em geral, mas a uma sociedade dada. De fato, algumas obras desses autores nos mostram que tal conceito se refere às especificidades de determinadas sociedades. Por exemplo, na obra *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, Marx (1997) analisa o arranjo social que se formou em meados do século XIX, onde a burguesia emergente colocou no poder Luis Bonaparte, sem que seus partidários (o pequeno campesinato) percebessem as alianças políticas que se formaram, objetivando revolucionar a estrutura agrária francesa; o que, inclusive, perpassaria pela expropriação das terras de uma grande parte dos camponeses. Ou seja, ao contrário de outros autores destacados, tais como Victor Hugo e Pierre J. Proudhon, que “analisaram” tal tema pela aparência, Marx analisou a essência, as particularidades

---

<sup>23</sup> Escrevemos, “especialmente” por M. Santos por ser um autor que praticamente dedicou uma obra (SANTOS, 1979) sobre tal categoria de análise, mas na atualidade existem outros autores que têm ressaltado a importância da formação social (ou sócio-espacial) em estudos de Geografia, como é o caso de Marcos A. da Silva (2006), entre outros.

de tal Golpe de Estado. Portanto, o que ele fez foi analisar a formação social francesa daquele contexto histórico.

Outra obra que aborda tal categoria, é *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. Nesse estudo, publicado no final do século XIX, Lenin (1982) realiza uma crítica da corrente populista – influenciada, em parte, por ideais anarquistas (os *niilistas*) –, que por “analisar” as condições socioeconômicas desse país sem considerar profundamente as relações de produção, acreditava que no *mir* (espécies de latifúndio onde os camponeses estavam agregados a terra) não se desenvolveria o sistema capitalista de produção. Mas, Lenin, ao contrário, verificou que o sistema capitalista já estava se inserindo no campo, pois alguns camponeses estavam concentrando a terra, adquirindo máquinas e instrumentos de trabalho, além de explorar o trabalho assalariado de outros camponeses descapitalizados. Nessa obra, Lenin mostra que é necessário esquecer as premissas (extremamente idealistas) e analisar as especificidades do país.

Com esses exemplos, pretendemos mostrar que a formação social é uma categoria de análise (um instrumento) imprescindível para o estudo que estamos realizando, à medida que nos conduz à busca da essência do tema pesquisado, por conseguinte, rompendo com a aparência, com a superficialidade de tal objeto. Analisar a formação social é considerar a relação da sociedade sobre o espaço geográfico, no qual, ela está inserida. Aliás, a comparação das formações sociais dos Campos de Palmas e do Sudoeste paranaense nos parece imprescindível para analisar o processo de industrialização nesta região; já que tal categoria de análise pode nos levar à apreender as relações sociais existentes (sistemas produtivos, relações de trabalho, organização política, manifestação cultural etc.).

Como já mencionamos anteriormente, na região dos Campos de Palmas o povoamento ocorreu aproximadamente um século antes do que no Sudoeste paranaense. Segundo informações retiradas dos estudos de Wachowicz (1987), observamos que na região de Palmas ocorreu uma formação social, grosso modo, marcada pela presença de duas classes sociais: 1) os pecuaristas, e proprietários de grandes áreas de terras, e, 2) pequenos camponeses, em geral, agregados às fazendas. Como nos “campos”, poucas pessoas eram proprietárias de terras, a estrutura fundiária se constituiu baseada em grandes propriedades. Por exemplo, de

acordo com dados do censo agrícola de 1960, a área média dos estabelecimentos rurais de Palmas era 183,4 hectares (IBGE, 1967).<sup>24</sup>

Por outro lado, no Sudoeste paranaense,<sup>25</sup> que em 1960 possuía uma média de 28,5 hectares por estabelecimento rural, começou se desenvolver outra formação social, marcada pela presença de grande quantidade de pequenos proprietários de terras, pequenos comerciantes, artesãos e industriais. Ou seja, a formação social nessa região se fez mais rica em elementos do que ocorreu nos Campos de Palmas.

Segundo Wachowicz (1987), no início do século passado os únicos capitalistas que existiam em toda a região de campos e de matas (que compreende o Sudoeste e a região de Palmas) eram os fazendeiros: os proprietários dos criatórios localizados em Palmas. Porém, se analisarmos as descrições desse autor sobre as características da pecuária desenvolvida nesses campos, nessa época, verificaremos que não se tratava de atividade tipicamente capitalista:

Um agrônomo, analisando a pecuária palmense em 1913, concluía que os campos de Palmas não tinham gado que prestasse, pela lastimável incúria dos criadores, chegando a afirmar que os Campos de Palmas estavam povoados de *cadáveres ambulantes*, os criadores limitavam-se a *ensalar* o gado de vez em quando, esperando que do resto se encarregasse a natureza, *sem procurar melhorar a raça, criar um tipo, qualquer que seja, que não este que aí vemos – mescla de tudo, espécimes de degenerescência* (WACHOWICZ, 1987, p. 57).

Ora, o que nos informa este autor é que a atividade desenvolvida nos campos de Palmas, no início do século XX, tratava-se de uma pecuária extensiva, o que além de não ser um indicativo de “capitalismo”, pelo contrário, caracteriza uma atividade típica de sistemas de produção pré-capitalistas;<sup>26</sup> onde o determinante não

---

<sup>24</sup> Dados obtidos a partir de cálculos da área total sobre a quantidade de estabelecimentos. Porém, verificamos que nessa época deveriam existir, por um lado, propriedades com áreas menores, mas, por outro, estabelecimentos com áreas bem mais extensas do que da média municipal.

<sup>25</sup> A região que compreende a atual *Mesorregião Geográfica Sudoeste do Paraná*, na época em que foi realizado o *Censo agrícola de 1960*, era composta por apenas sete municípios, que são: Barracão, Capanema, Chopinzinho, Coronel Vivida, Francisco Beltrão, Pato Branco e Santo Antônio (que atualmente é chamado de Santo Antônio do Sudoeste).

<sup>26</sup> Esse fato nos faz lembrar de Lenin (1980), que escreveu que no sul dos Estados Unidos da América, pelo menos até o início do século XX, predominou sistemas de produção pré-capitalistas, dedicados, em geral, à pecuária ou à monocultura de algodão. Nesse caso, também se tratava de grandes fazendas em extensão de terras (*plantation*), porém pouco tecnificadas.

é o capital, mas os elementos naturais, como é o caso da disponibilidade de terras com pastagens nativas etc.

A formação social dos Campos de Palmas, pouco contribuiu para o desenvolvimento das forças produtivas.<sup>27</sup> Segundo o próprio Wachowicz (1987), até as primeiras décadas do século XX não houve um grande impulso à industrialização porque os fazendeiros alegavam que não existia, nessa região de campos, recursos naturais, tais como rios, por exemplo, para mover serrarias, moinhos coloniais etc. Da mesma forma, eles alegavam que a terra não possuía fertilidade para produzir alimentos, tais como trigo, arroz, feijão, milho, entre outros. Por esses motivos, nessa época o custo de vida havia se tornado caro em Palmas, pois desde os alimentos para o consumo individual até as matérias-primas utilizadas para construir as edificações (casas, galpões etc.) tinham que ser trazidos de outras regiões do Paraná ou do país.<sup>28</sup>

Eis aí uma condição fundamental para que nos Campos de Palmas a industrialização não tenha sido estimulada, pelo menos enquanto essa formação social predominou nessa região. Ora, mesmo que desenvolvendo uma pecuária extensiva, os fazendeiros palmenses possuíam grandes áreas de terra (criando muitas cabeças de gado), então contavam com recursos financeiros (ao concentrar o capital monetário) para adquirir os meios de subsistência (e de luxo) trazidos de outras regiões, mesmo que a altos custos.

Aliás, esse fato nos faz lembrar dos estudos de Mamigonian (2004), acerca da importância da formação social para o início da industrialização em São Paulo e em Santa Catarina. De acordo com este autor, a pequena produção mercantil, trazida para o Brasil pelos imigrantes europeus, foi muito mais importante para o processo de industrialização do país do que se costuma mencionar. Inclusive, ele critica alguns estudiosos brasileiros, como Celso Furtado, entre outros, que deram importância demasiada à cafeicultura como fonte de acumulação de capital para a

---

<sup>27</sup> Tome por forças produtivas o desenvolvimento de atividades econômicas apoiadas em métodos de trabalho que buscam o aumento da produtividade, que é o que ocorre com o desenvolvimento da indústria moderna, por exemplo, que insere máquinas, equipamentos etc. (LENIN. 1982).

<sup>28</sup> De acordo com Wachowicz, no início do século XX não existia mais do que três madeiras em Palmas, o que fazia com que os fazendeiros dessa região tivessem que esperar, muitas vezes, dois ou três anos até chegar a madeira (proveniente de outra região) para poder construir uma casa, por exemplo. Como nessa época somente havia uma olaria em Palmas, as telhas e tijolos também tinham que ser trazidos da região de Curitiba ou de outras.

industrialização e, por conseguinte, esqueceram que o interesse principal dos cafeicultores era a produção (*in natura*) para a exportação. Aliás, esses cafeicultores, por um bom tempo, nem se preocuparam em formar mercado consumidor interno para produtos industrializados no próprio país, já que possuíam recursos para importar da Europa a maior parte dos produtos que consumiam.

Por outro lado, em regiões onde predominam formações sociais calcadas em pequenas propriedades rurais e articuladas às atividades artesanais, e do comércio – como é o caso do Sudoeste paranaense, por exemplo –, o desenvolvimento da industrialização ocorre mais rapidamente. Pelas figuras 06 e 07, podemos verificar que desde os utensílios domésticos, bem como as máquinas (rudimentares) para a transformação de produtos agrícolas eram fabricados artesanalmente nessa região:



**FIGURA 06 - Utensílios (“gamelas”) fabricados artesanalmente para o uso doméstico**

FONTE: Foto do autor, in Museu do Colonizador (Francisco Beltrão-PR).



**FIGURA 07 - Máquina artesanal utilizada para esmagar uva para produzir vinho**

FONTE: Foto do autor, in Museu do Colonizador (de Francisco Beltrão-PR).

Entre os pioneiros que investiram na produção artesanal, bem como no comércio no Sudoeste paranaense, podemos destacar os casos das famílias Piassa e Petrycoski. Conforme destacou Voltolini (2000), Vitório Piassa e sua esposa, Clementina, nasceram no Rio Grande do Sul e migraram para o Paraná, vivendo em Bituruna até 1930, quando então resolveram mudar para o povoado que deu origem a Pato Branco. Nesse município, Piassa adquiriu cerca de 145 hectares de terra, onde construiu um rancho de tábuas lascadas e começou derrubar a mata para criar porcos soltos. Além da criação de porcos, ele extraía erva-mate e trabalhava como artesão, construindo carroças, móveis etc. Mas uma das funções que lhe propiciou um capital inicial para começar investir, foi a sua habilidade para instalar e consertar serrarias e moinhos coloniais. Nessa função, ele trabalhou cerca de três anos no estado de Santa Catarina.

Com o dinheiro que ganhou instalando diversas serrarias em Videira e Capinzal (em Santa Catarina), V. Piassa adquiriu mais terras em Pato Branco, inclusive instalando um “soque” de erva. Além de começar investir na atividade

industrial, ele também abriu várias casas comerciais do ramo de “secos e molhados” na região, como no atual município de Itapejara d’Oeste e em Renascença. Esse pioneiro adquiriu três caminhões Alfa Romeo, utilizados para levar madeira para outras regiões do país, especialmente para o estado de São Paulo, e para trazer artigos para serem revendidos em seus estabelecimentos comerciais. Inclusive, para facilitar seus negócios ele montou um depósito em Mogi das Cruzes – SP. A família Piassa, mais tarde mudou a madeireira para Mato Grosso, mas continua investindo no município de Pato Branco, especialmente na área imobiliária, construindo edifícios etc. (VOLTOLINI, 2000).

Outro exemplo de pioneiro do Sudoeste paranaense, que a partir de atividades artesanais foi influente para o desenvolvimento dessa região, foi Theóphilo Petrycoski. Esse começou a consertar fogões a lenha em Erebangó – RS, por volta dos anos 1940, mas ainda nessa década resolveu mudar para o Paraná, pondo em prática a sua experiência em metalurgia (absorvida de um mestre italiano), consertando e, depois, produzindo de forma artesanal fogões a lenha para vender no próprio Sudoeste. Já em 1955, a indústria Petrycoski e Cia. Ltda. produzia até 40 fogões a lenha por mês (ATLAS, 2008).

Essa empresa, que iniciou a atividade de forma artesanal, logo começou a expandir consideravelmente sua produção, passando (a partir de 1985) a produzir também fogões a gás (20 unidades por dia). Em 1996, passou a chamar Atlas Indústria de Eletrodomésticos Ltda. No ano de 2001, chegou a produzir uma média diária de 3 mil fogões, empregando 1.300 funcionários e comercializando a produção para mais de 30 países. Em 2003, a “Atlas” adquiriu o processo produtivo da extinta “Enxuta” (fábrica de eletrodomésticos), passando a industrializar lava-roupas, lava-louças e secadoras de roupas em Caxias do Sul – RS, mas mudou a linha produtiva (a linha água) para Pato Branco – PR, no ano de 2006.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Esses exemplos de colonizadores que investiram em produção artesanal e acabaram contribuindo consideravelmente para o desenvolvimento regional, nos mostram que a pequena produção mercantil pode evoluir para a grande indústria. Aliás, ao estudar as fases de desenvolvimento do capitalismo na Rússia, Lenin (1982) ressaltou que muitos grandes fabricantes desse país haviam surgido da pequena produção mercantil, inclusive, muitos chegaram a ser servos, pastores, operários etc. e conseguiram sucesso em seus pequenos investimentos até conseguirem possuir grandes estabelecimentos fabris. Contrariando a opinião popular (populista) vigente na Rússia do final do século XIX, Lenin acredita que não havia separação entre as indústrias artesanais, as manufaturas e a grande indústria. Existe é diferentes estágios de desenvolvimento, o que não impede que os pequenos fabricantes galguem tais estágios, por conseguinte, se tornando grandes industriais.

Segundo Corrêa (1970b), grande parte dos colonos que povoaram o Sudoeste paranaense já estavam acostumados com certo nível de consumo de produtos e de serviços, inclusive, herdado das colônias antigas do Rio Grande do Sul, por conseguinte, formadas por imigrantes de origem européia (italianos e alemães, principalmente). Essa forma de colonização é importante porque produz um excedente de grãos, carnes etc., o que condiciona a formação de certo mercado consumidor local. Aliás, pelas palavras desse autor, podemos verificar que nessa região do Paraná logo começou se desenvolver uma indústria especialmente voltada ao mercado consumidor local:

Essa pequena indústria regional caracteriza-se por produzir artigos de qualidade e preço inferiores aos similares da grande indústria de mercado nacional, que coloca seus produtos na região através do comércio colonial e dos comerciantes exclusivamente distribuidores. Apesar dessa concorrência, o pequeno fabricante regional encontra mercado consumidor entre os colonos, e mesmo entre os cidadãos da região, seja devido aos preços mais baixos de seus produtos, atendendo, portanto, a certas camadas do mercado regional, seja porque não há compensação para os comerciantes e consumidores importarem certos artigos de outras regiões (CORRÊA, 1970b, p. 54).

Outro dado que ressalta a capacidade que a formação social do Sudoeste paranaense teve para desenvolver as atividades mercantis, é o consumo produtivo,<sup>30</sup> especialmente na agricultura. Aliás, podemos avaliar essa capacidade comparando ao que ocorreu para o caso de Palmas. De acordo com o IBGE (1970), o valor dos bens (terras, prédios, construções, animais, veículos, máquinas e instrumentos de trabalho) dos estabelecimentos rurais do Sudoeste, em 1960, resulta na média de aproximadamente 11,1 mil Cruzeiros por hectare de terra, enquanto em Palmas a média resulta em 6,0 mil Cruzeiros por hectare.<sup>31</sup> Ou seja, no Sudoeste paranaense, onde se tem uma média de 28,5 hectares de terra por estabelecimento rural, o valor dos investimentos é consideravelmente maior do que

---

<sup>30</sup> Compreendemos o termo “consumo produtivo”, de acordo com o entendimento de Marx (1984b). Para este autor, consumo produtivo refere-se à aquisição de mercadorias que possam ser utilizadas para produzir outras mercadorias. Por exemplo, as máquinas, embalagens, matérias-primas etc. tratam-se de consumo produtivo, pois não são de consumo individual, como são os casos dos artigos para a alimentação humana, vestuário etc.

<sup>31</sup> Para levantarmos tais médias, tivemos que dividir o valor total dos bens dos estabelecimentos rurais pela área total desses estabelecimentos.

em Palmas, região das grandes propriedades rurais: com média de 183,4 hectares por estabelecimento, como já ressaltamos.

Portanto, verificamos que a formação social é de suma importância para o desenvolvimento das atividades produtivas. Isto é, o desenvolvimento de uma determinada região depende da forma como a sociedade se organiza.<sup>32</sup>

### **1.3 “Lá Vêm Eles”: Industrialização do Pinho e Povoamento do Sudoeste Paranaense**

Os estudos de Abramovay (1981), Wachowicz (1987), Corrêa (1970b), entre outros, enfatizam a importância da migração proveniente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (promovida pela CANGO) para o povoamento do Sudoeste paranaense. Ocorre que esses autores, ao destacarem a vinda de pequenos agricultores (o que nos parece sensato) esquecem da importância que tiveram os industriais (especialmente do ramo da madeira) para a ocupação dessa região. Por exemplo, segundo os estudos de Voltolini (2000) verificamos que os agricultores que se instalaram nessa região fizeram, de certa forma, uma “aliança” com os madeireiros (proprietários de serrarias) para extrair as matas de araucária:

A simultânea ou posterior vinda dos madeireiros foi recebida com júbilo pelo agricultor, em toda a área de domínio mais intenso da floresta da Araucária. Os donos das serrarias, por sua vez, não deixaram de externar plena satisfação com a cordial deferência [...] O colono, ansioso por ver sua terrinha liberada para o cultivo, já tinha chegado até a pagar pela derrubada dos pinheiros que, mesmo no chão, eram incômodo ainda por anos e anos. De repente... uma loteria! Tiravam-lhe os pinheiros e ainda pagavam por isso! [...] Os madeireiros, por sua vez, passaram a adquirir a matéria-prima de suas indústrias por preços irrisórios, altamente compensadores, que eles mesmos fixavam e eram aceitos sem relutância pelos “felizes” fornecedores (VOLTOLINI, 2000, p. 74-5).

---

<sup>32</sup> Outros autores já destacaram a importância que a pequena produção mercantil tem para o desenvolvimento da industrialização. Por exemplo, ao analisar a história da riqueza nos EUA, Huberman (1978) verificou que a industrialização iniciou no norte desse país, região ocupada principalmente por imigrantes ingleses e irlandeses, que logo começaram a desenvolver atividades agrícolas em pequenos estabelecimentos rurais, articuladas às atividades comerciais e artesanais.

Ocorre que, como mencionou Voltolini (2000, p. 52), “o pinheiro era incômodo. Desvalorizava as terras, ocupando espaço e dificultando a movimentação de pessoas e animais”. Ou seja, pinheiros com mais de dois metros de diâmetro, como existia no Sudoeste, constituíam-se como obstáculos às práticas agrícolas, pois acabavam por obstruir o trânsito dos animais e das máquinas para o trabalho. Dessa forma, a extração dessas árvores veio a calhar, tanto com o interesse dos madeireiros (que objetivavam lucros com a venda de madeiras) como dos agricultores, que objetivavam cultivar o solo.<sup>33</sup> Ou seja, os madeireiros faziam o desmatamento de uma região que, como mencionamos anteriormente, havia sido deixada de lado pelos pecuaristas que, por sua vez, preferiram as áreas de campos, como as de Palmas, por exemplo.



**FIGURA 08 - Depósito de toras na laminadora “De Bortolli & Filhos”, localizada em Pato Branco – PR**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto de Voltolini (2000, p. 141).

Pelos estudos de Voltolini, observamos que antes da instalação da CANGO já existiam madeireiros explorando pinho (araucárias) no Sudoeste paranaense,

---

<sup>33</sup> Observamos que se tratava de uma relação entre interesses contrários, mas que naquele contexto formavam uma unidade: uma *unidade do diverso* ou *dos contrários*, para utilizar uma expressão de Marx (1982).

principalmente na região de Pato Branco. Por exemplo, ainda no início da década de 1930, Pedro Bortot instalou uma das primeiras madeireiras deste município, enquanto que Raimundo Cadorin instalou a “Irmãos Cadorin Ltda.” em 1944. O mesmo ocorreu com as famílias Merlin e Miotto, que em 1949 instalaram a “Industrial Madeira Pato Branco Ltda.” e com Alfredo De Bortolli, que em 1952 instalou a empresa “De Bortolli e Filhos Ltda.” (figura 08). Inclusive, todos esses madeireiros citados vieram do Rio Grande do Sul, mas muitos outros vieram de Santa Catarina.

Grande parte dos industriais da madeira que se instalaram no Sudoeste do Paraná já possuía alguma experiência na extração do pinho e na transformação da madeira, à medida que desenvolviam essa atividade nos locais de onde saíram. Por exemplo, a empresa Camilotti Camidor – que na atualidade atua na produção de compensados e portas de madeira – iniciou suas atividades em Guaporé – RS, mas ainda no início da década de 1950 se mudou para essa região, instalando-se na cidade de Francisco Beltrão – PR (pesquisa de campo, realizada em maio de 2008).

Verificamos que a partir da década de 1950, já existia uma quantidade considerável de estabelecimentos industriais nessa região. Por exemplo, no ano de 1956 o município de Chopinzinho já possuía 8 estabelecimentos (todos voltados à extração da madeira), enquanto em Francisco Beltrão existiam 43 estabelecimentos, sendo que, desses, 14 operavam com 5 ou mais trabalhadores. Da mesma forma, Santo Antônio do Sudoeste possuía 32 estabelecimentos industriais, dos quais, 9 ocupam 5 ou mais pessoas, enquanto que Pato Branco possuía o total de 131 estabelecimentos, sendo que aproximadamente 61% do valor da produção industrial deste município, nesse ano, provinham do ramo da madeira (IBGE, 1959).<sup>34</sup>

Os “pioneiros” na industrialização da madeira enfrentaram diversos obstáculos para atuar no Sudoeste paranaense. Ocorre que, como temos ressaltado, a extração da erva-mate, a criação de porcos e a economia cabocla não desenvolveram uma estrutura viária nessa região. Aliás, pela figura 09 podemos observar a precariedade dessa infra-estrutura viária, quando retrata um grupo de “tarefeiros” tendo que construir uma estrada à base de enxadas, pás e picaretas

---

<sup>34</sup> Além das madeireiras devidamente legalizadas para tal atividade, ainda existiam muitas serrarias clandestinas no Sudoeste do Paraná. Inclusive, “em 1962, quando da criação do GETSOP, foram detectadas 270 serrarias na região” (WACHOWICZ, 1987, p. 227).

(instrumentos de trabalho braçal). Sem vias de acesso, os madeireiros eram obrigados a fazer o transporte das toras de pinho por tração animal (figura 10):



**FIGURA 09 - “Tarefeiros” construindo uma estrada em Francisco Beltrão – 1950**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto de Krüger (2004, p. 150).



**FIGURA 10 - Transporte de toras realizado à tração animal (“Serraria Irmãos Marcello” em Francisco Beltrão – PR)**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto de Francisco Beltrão (2002, p. 51).

Outro obstáculo enfrentado pela indústria do Sudoeste, principalmente até a década de 1950, foi a falta de distribuição de energia elétrica. A partir do estudo de Martins (1986), podemos ter noção da precariedade da distribuição desse serviço na região. Por exemplo, de acordo com este autor, no ano de 1952 a energia elétrica distribuída ao público da cidade de Francisco Beltrão era gerada por um motor a diesel de 24 Hps. Inclusive, somente em 1955 se construiria a primeira pequena usina hidrelétrica, no rio Santana, com a finalidade de combater a crise energética pela qual passava esse município.

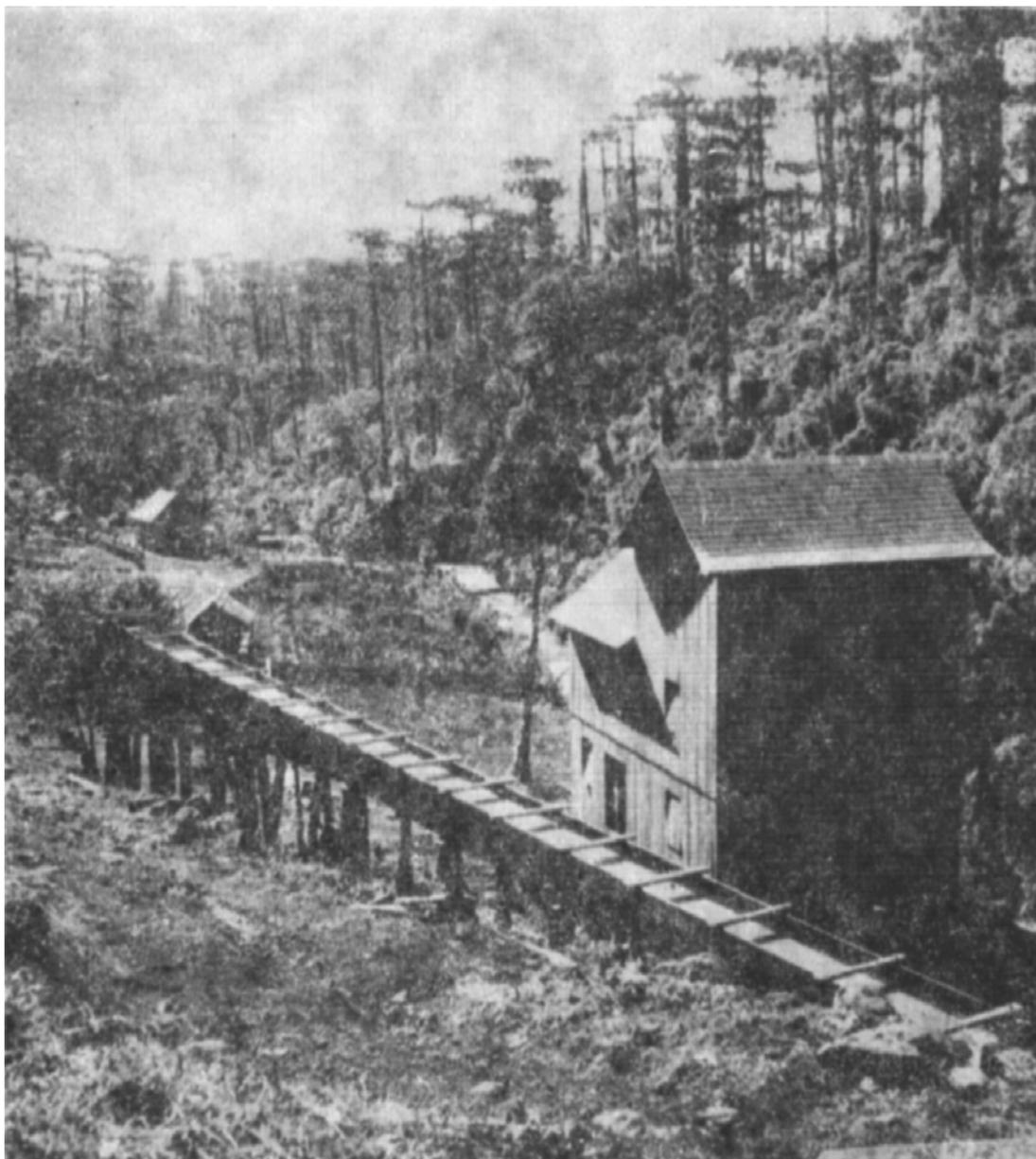
Como nessa época ainda não existia distribuição de energia elétrica suficiente para mover os motores, restaria às unidades industriais utilizarem o potencial da força das águas dos rios. Aliás, a própria CANGO ao se ocupar com a colonização do Sudoeste paranaense, na segunda metade da década de 1940, instalou uma serraria, primeiramente aproveitando a força das águas do rio Santana e, posteriormente, as do rio Santa Rosa. Inclusive, em relatório elaborado pela comissão designada pelo Ministério da Agricultura para escolher o local para instalar a CANGO, entre os anos 1941 e 42, já se observava o potencial hidrelétrico dessa região. Esse relatório diz que, além de solo fértil e de clima propício para a agricultura

existem ainda quedas d'água, saltos e corredeiras, com suficiente potencial hidráulico, que poderão ser aproveitados no fornecimento de energia para os estabelecimentos industriais, como sejam:  
 a) instalações hidroelétricas;  
 a) moinhos;  
 c) serrarias (Relatório de Comissão *apud* LAZIER, 1997, p. 105).

Além das serrarias, a indústria de *produtos alimentares*, especialmente a produção de *fubá e farinha de milho*, também utilizou a força hidráulica dos rios no Sudoeste.<sup>35</sup> Aliás, a própria CANGO construiu na localidade de Santa Rosa, em Francisco Beltrão, um desses moinhos (figura 11) movidos à força d'água.<sup>36</sup>

<sup>35</sup> Como já mencionou Marx (1985a), o monopólio de uma queda d'água – ou de outro recurso natural limitado a poucos locais – proporciona ao seu proprietário uma renda diferencial, em outras palavras, uma renda superior à média adquirida pelos seus concorrentes. Dessa forma, não nos surpreende que os madeireiros (e outros industriais) do Sudoeste paranaense, por exemplo, optassem pela utilização da força das águas de rios para mover as suas máquinas.

<sup>36</sup> Informações repassadas por Glauco Olinger, que foi administrador da CANGO a partir de 1953 (KRÜGER, 2004).



**FIGURA 11 - Moinho colonial instalado pela CANGO no núcleo de Santa Rosa, próximo do povoado de Marrecas (atual Francisco Beltrão)**

NOTA: Observa-se ao fundo a grande quantidade de pinheiros araucária existentes no local. Podemos ainda verificar que toda a edificação desse moinho (construída ainda na década de 1940) era feita com madeiras. Inclusive, a própria “calha”, por onde era trazida a água do rio Santa Rosa para mover a roda d’água, era construída com madeiras.

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto de Martins (1986, p. 50).

Aliás, a falta de energia elétrica fez com que muitas unidades industriais do Sudoeste do Paraná tivessem que construir pequenas usinas hidrelétricas (particulares) para produzir energia. A Camilotti Camidoor e a Indústria Cazaca Ltda. são exemplos dessas empresas: a primeira construiu uma pequena usina

hidrelétrica no rio Santa Rosa (município de Francisco Beltrão),<sup>37</sup> enquanto que a segunda construiu uma usina no município de Realeza (REALEZA, 1995).<sup>38</sup>

É importante ressaltarmos que a utilização de energia hidrelétrica pela indústria, inclusive a partir de “rodas d’água”, não foi exclusividade do Sudoeste paranaense, pois Leo Huberman verificou que no início da industrialização dos Estados Unidos da América (ocorrida principalmente a partir de meados do século XIX) a força da água dos rios foi extremamente utilizada para mover as máquinas industriais, principalmente no norte e noroeste; regiões onde havia muitos rios com cascatas e correntezas para mover as rodas d’água: “nos rios que fluíam, podiam-se ver motores para as máquinas” (HUBERMAN, 1978, p. 129).

Aliás, a falta de distribuição de energia elétrica já obrigou os primeiros industriais, especialmente no sul do Brasil, a criarem fontes alternativas de energia. Por exemplo, de acordo com Mamigonian (1965), os primeiros estabelecimentos da indústria têxtil instalada na região de Blumenau – SC (ainda no último quartel do século XIX) tiveram que utilizar a força das águas dos rios, como foi o caso da família Hering, que instalou uma roda d’água no rio Bom Retiro (em 1893) para mover as máquinas de sua malharia.<sup>39</sup>

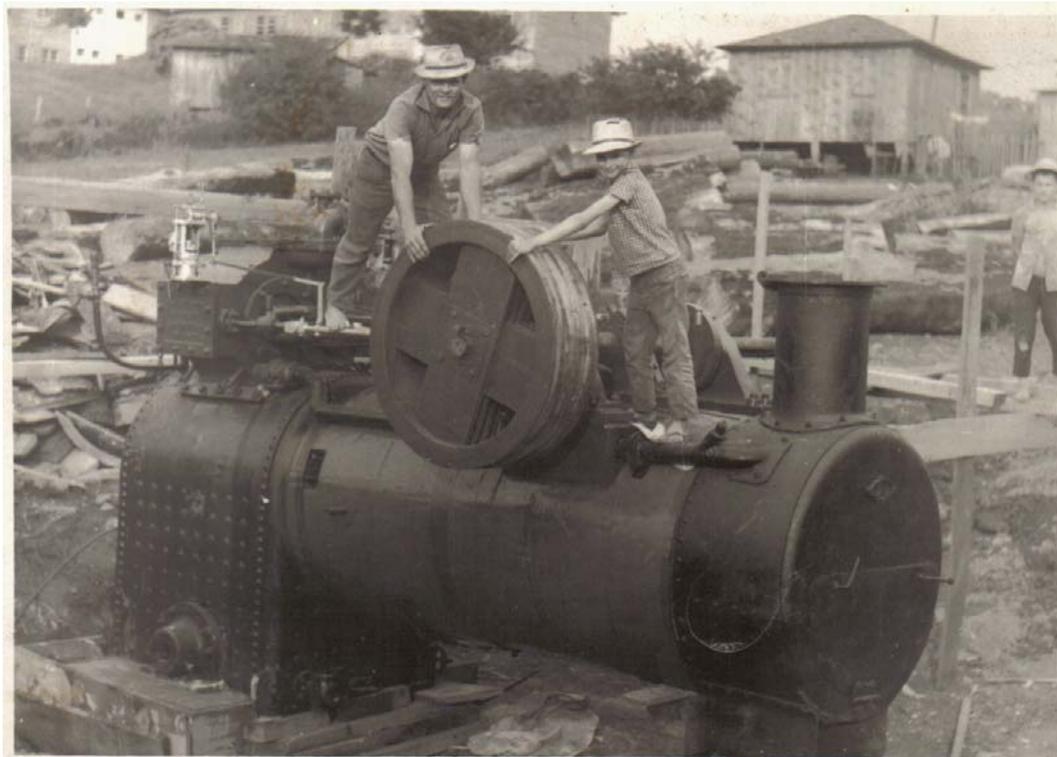
Apesar desses obstáculos que dificultaram a atividade dos primeiros industriais no Sudoeste do Paraná, principalmente o ramo da madeira logo começou se modernizar. De acordo com Voltolini (2000), a concorrência entre os madeireiros faria com que ocorresse o esforço por introduzir tecnologia avançada. Por exemplo, a empresa Industrial Madeira Pato Branco Ltda., ainda em 1952 adquiriu uma máquina a vapor importada da Alemanha, porque se tratava de um equipamento moderníssimo, naquela época. A figura 12, por exemplo, mostra uma máquina a vapor sendo instalada numa madeireira, localizada no município de Enéas Marques, no Sudoeste do Paraná:

---

<sup>37</sup> Informações conseguidas junto a essa empresa (pesquisa de campo) e a partir do *Atlas de Recursos Hídricos do Estado do Paraná* (PARANÁ, 1998).

<sup>38</sup> De acordo com a Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental (SUDERHSA), as usinas com produção abaixo de 10,0 Mw de energia, são chamadas de “pequenas centrais hidrelétricas”. A usina Cazaca (atualmente desativada), possuía a potência de 0,13 Mw de energia (PARANÁ, 1998).

<sup>39</sup> Segundo Suzigan (2000), no Rio Grande do Sul, ainda nas três primeiras décadas do século XVII já existiam pequenos moinhos de trigo movidos a água ou, inclusive, a vento.



**FIGURA 12 - Máquina a vapor sendo instalada em uma madeireira localizada no município de Enéas Marques – PR**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto do arquivo da Divisão de Cultura do município de Enéas Marques.

De acordo com o estudo desse autor, verificamos que nessa época já existiam madeireiras instaladas no Sudoeste paranaense – como é o caso da Gugelmin S.A., instalada em 1956 no interior do município de Vitorino –, que exportavam para países, tais como a Argentina, Inglaterra e Alemanha. Esse fato foi determinante para que se promovesse a inserção de tecnologia na indústria dessa região, à medida que o mercado externo era exigente quanto à qualidade da madeira serrada.

Aliás, se recorrermos mais um pouco aos estudos de Voltolini, verificaremos que a tecnologia fazia diferença na produtividade entre as madeireiras que se instalaram nessa região do Paraná. Basicamente existiam três tipos de serras operando nas madeireiras da região: 1) as do tipo “Colonial” (as que num primeiro momento eram movidas a roda d’água); 2) as serras “Tissot” (de tecnologia francesa) e, 3) as “serras-fita”, trazidas para a região pela empresa norte americana

*Southern Brazil Lumber & Colonization Co.* Inclusive, as “fitas”<sup>40</sup> seriam as máquinas mais produtivas desse ramo da indústria, nessa época:

Para que se possa sentir a voracidade de uma fita, basta compará-la com outros tipos de serra descritos. De um pinheiro de 80cm a 1,80m de diâmetro tiravam-se 5 toras, produzindo de 20 a 25 dúzias de madeira em tabuado. Para desdobrá-los, uma Colonial levava de três a quatro dias; uma Tissot, um dia; e a fita despachava em torno de 5 deles [pinheiros] em um só dia, com 8 horas de atividade (VOLTOLINI, 2000, p. 66).

Portanto, efetuando simples cálculos verificamos que uma serra fita produzia diariamente (com jornada de 8 horas) o equivalente ao trabalho de 5 dias de uma serra *Tissot* e de 15 a 20 dias de uma “serra colonial”.

Vejamos que mesmo sendo o Sudoeste paranaense uma região de colonização tardia, a indústria dessa região logo começou se modernizar. Ocorre que mesmo sendo *desigual* o desenvolvimento – isto é, ocorrendo primeiro em determinados países e, dentro desses, privilegiando determinadas regiões em detrimento de outras –, ele também pode *ser combinado*. Isso quer dizer que os países ou regiões que saem atrás no processo de industrialização podem “queimar etapas”; em outras palavras, não precisam, por exemplo, inventar máquinas, equipamentos etc., como ocorre com os países pioneiros na industrialização.

Aliás, ao analisar as *Peculiaridades do Desenvolvimento da Rússia*, Trotsky (1967) verificou que esse país, por um lado se caracterizava como atrasado em relação a outros países da Europa, onde o processo de industrialização já havia se desencadeado; porém, por outro lado, a Rússia não necessitava de passar por todas as etapas da industrialização percorridas pelos países pioneiros, pois não se precisava, por exemplo, inventar teares mecânicos, máquinas a vapor etc., como tivera que fazer a Inglaterra. Aquilo que Trotsky chamou de *lei do desenvolvimento combinado*, nos parece consideravelmente coerente, inclusive quando analisamos o caso da introdução de técnicas, ocorrida ainda no início do processo de industrialização do Sudoeste do Paraná.

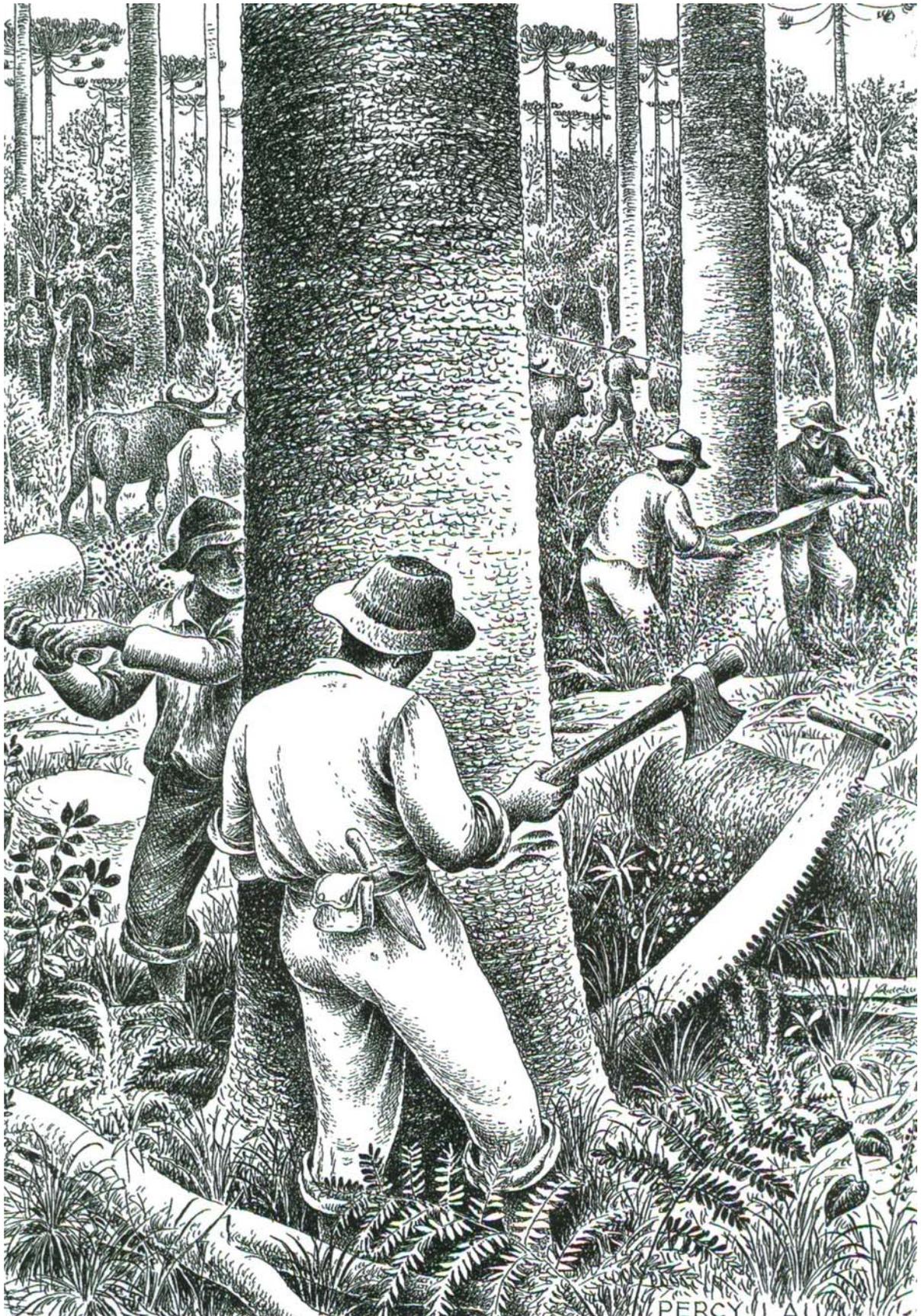
---

<sup>40</sup> Segundo as descrições de Voltolini (2000), e também pelo que pudemos verificar pela pesquisa de campo, as “serras fita” utilizadas nas madeireiras são semelhantes às serras utilizadas nas casas de carnes, só que são bem maiores é claro.

Verificamos, também, que a existência de grande quantidade de pinheiros araucária constituiu-se como atrativo para tal ramo da indústria no Sudoeste paranaense. Além da quantidade de matéria-prima, ressaltamos a importância que teve a formação social dessa região para que tal processo de industrialização iniciasse. Ocorre que, como já mencionamos, os colonizadores necessitavam derrubar as matas para a formação das lavouras e, dessa forma, contavam com o apoio dos madeireiros para tal tarefa. Dessa forma, como ressaltou Voltolini (2000), os madeireiros podiam adquirir matéria-prima relativamente barata, seja serrando os pinhos das terras dos pequenos proprietários, seja adquirindo diretamente áreas de terra cobertas com araucárias.

Ocorre que o custo das terras dessa região, nessa época, era relativamente baixo, então muitos industriais da madeira adquiriram áreas relativamente grandes com pinheirais, como foi o caso da família Martinelo, que a partir de 1940 adquiriu cerca de 1.512 hectares em área que, na atualidade, é compreendida pelos municípios de Pato Branco e Vitorino. A Serraria Irmãos Martinelo, teria industrializado aproximadamente 20 mil pinheiros dessa área particular. Outro exemplo de madeireira (entre tantas) dessa região que adquiriu florestas com araucárias para industrializar a madeira, foi a Serraria São Francisco de Assis. Essa empresa, da família Moretti, adquiriu cerca de 210 hectares em área do atual município de Itapejara d'Oeste; mais 128 ha. em área de Bom Sucesso do Sul, além de outra área no interior do município de Verê, com aproximadamente 726 hectares de pinheirais (VOLTOLINI).

Segundo informações retiradas dos estudos desse autor, observamos que além dos operários utilizados diretamente nas serrarias e laminadoras, existia uma quantidade considerável de pessoas ocupadas na extração dos pinheiros. Inclusive, muitos desses extratores de pinho eram camponeses pagos para tal tarefa. Aliás, segundo o estudo de Sousa (1945), verificamos que a tarefa de extrair os pinhos, nessa época, tratava-se de atividade consideravelmente rústica, o que nos faz pensar que demandava o trabalho de pessoas acostumadas a viver nas matas, como é o caso dos camponeses. A figura 13 retrata uma cena típica da extração de pinhos no Paraná e em Santa Catarina, nessa época:



**FIGURA 13 - Extratores de pinheiros (equipe do mato)**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de Sousa (1945, p. 318).

De certa forma, observamos que a formação social também foi importante para a mão-de-obra utilizada nas madeireiras do Sudoeste paranaense, à medida que a grande maioria dos caboclos, e inclusive dos colonos que viviam nessa região, tendo poucas posses, obrigavam-se a aceitar diversas atividades complementares de renda, inclusive a extração de pinhos para as serrarias.

### *1.3.1 Finalmente surgem condições para efetivar a ocupação da região*

Ao contrário da extração da erva-mate, da criação de porcos, bem como da economia cabocla que, como já mencionamos, pouco contribuíram para o povoamento do Sudoeste paranaense, a industrialização do pinho permitiu a entrada dos colonizadores que efetivariam a ocupação dessa região do Paraná e, inclusive, contribuiu consideravelmente para a formação das primeiras cidades dessa região. Por exemplo, de acordo com Voltolini (2000), próximo às serrarias começaram se instalar as famílias dos trabalhadores deste ramo da indústria, fazendo surgir os primeiros estabelecimentos comerciais, em geral, do ramo de *secos e molhados*, que objetivavam vender para o mercado consumidor local que pouco a pouco se formava.

Várias cidades e distritos municipais no Sudoeste surgiram dessa forma, próximos às madeireiras. Por exemplo, como já mencionamos anteriormente, o povoado que mais tarde daria origem à cidade de Realeza, surgiu a partir da instalação da Indústria Cazaca Ltda., que atuava no segmento da madeira. Em torno dessa madeireira, logo começaram se instalar as famílias dos operários, o que acabou por atrair os primeiros estabelecimentos comerciais para esse povoado (REALEZA, 1995).<sup>41</sup>

Além da atração de estabelecimentos comerciais para abastecer o mercado consumidor formado pelas famílias dos operários, a indústria da madeira foi importante ao estimular a abertura das primeiras estradas que cortavam o Sudoeste

---

<sup>41</sup> Outro exemplo da influência da indústria na criação de povoados, é o caso da Camilotti Camidoor. Essa empresa ao se instalar na região (em 1954) contribuiu para o desenvolvimento da vila "Marecas", que mais tarde passaria a chamar Francisco Beltrão. Inclusive, na atualidade essa empresa vem enfrentando o problema de ter que mudar as suas instalações, por estar localizada numa área central da cidade e causar incômodos à vizinhança.

paranaense. Ocorre que, tanto o transporte de toras (figura 14) quanto da madeira serrada (figura 15) começou a ser realizado pelas estradas, por caminhões:



**FIGURA 14 - “Equipe do mato” rolando as toras sobre a plataforma de um caminhão (região de Pato Branco – PR)**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto de Voltolini (2000, p. 85).



**FIGURA 15 - Caminhão da marca FARGO utilizado para transportar a madeira serrada para Curitiba e outros centros consumidores**

FONTE: Adaptada pelo autor a partir de foto de Voltolini (2000, p. 88).

Esse fator foi importante para a consolidação do povoamento dessa região, pois na beira das estradas<sup>42</sup> pouco a pouco foram surgindo várias atividades de prestação de serviços, tais como mecânicas, borracharias, além dos postos de venda de combustíveis, quase sempre com hotéis e restaurantes anexo.<sup>43</sup>

Se o período de extração da erva-mate e outras atividades não conseguiram efetivar um povoamento do Sudoeste do Paraná (como viemos ressaltando), a indústria da madeira começou a fazer, especialmente a partir dos anos 1950. Aliás, em pouco mais do que uma década já se verificava, inclusive, o início de um processo de urbanização na região; pois em 1960 o Sudoeste já possuía 25.780 habitantes no *meio urbano*, com destaque para os municípios de Pato Branco, com 10.333 pessoas, Francisco Beltrão com 4.989 e Capanema com 4.053 habitantes urbanos (censo demográfico de 1960).

## 1.6 Considerações do Primeiro Capítulo

Em poucas palavras, afirmamos que ao contrário da extração da erva-mate e da criação de porcos, que pouco contribuíram para a ocupação do Sudoeste do Paraná, a industrialização dos pinheiros “limpou” o solo para as atividades agropecuárias e, ao estimular o comércio e a prestação de serviços, efetivou o povoamento dessa região. As densas matas de araucárias, que num primeiro momento se constituíram como obstáculos ao povoamento da região, a partir da chegada dos primeiros madeireiros se tornaram um fator atraente para o processo de industrialização, à medida que o pinho foi aproveitado como matéria-prima. Mesmo com interesses contraditórios (pois ambos desejavam obter a maior renda

---

<sup>42</sup> Ao estudar a *Expansão do Povoamento no Estado do Paraná*, Nilo Bernardes (1952) mencionou que por volta de 1900 as serrarias que atuaram nos Campos Gerais, passando por Teixeira Soares até União da Vitória (próximo à ferrovia), acabaram por retardar o povoamento dessa região. Mas por volta da década de 1950, ao contrário, a indústria madeireira começou a estimular a ocupação populacional, à medida que se generalizou a utilização dos caminhões que, por sua vez, demandavam a abertura e a conservação de estradas.

<sup>43</sup> Há de se ressaltar que o próprio Governo Federal, por meio da CANGO, estimulou o processo de industrialização no Sudoeste paranaense. Essa colonizadora “construiu a primeira selaria, marcenaria, olaria, cerâmica, ferraria e oficina mecânica, para atender aos primeiros habitantes” (LAZIER, 1997, p. 40-1).

possível), tanto os madeireiros quanto os colonos se beneficiaram com a extração de tal recurso natural.<sup>44</sup>

O Estado, por meio da criação das colônias de povoamento, especialmente pela ação da CANGO, teve papel destacado para efetivar a ocupação do Sudoeste paranaense, como aliás já destacaram, especialmente, Abramovay (1981), Wachowicz (1987) e Corrêa (1970a). Porém, não podemos deixar de ressaltar a importância que a indústria teve, inclusive criando os primeiros povoados dessa região.

Sobretudo, ressaltamos a importância da formação social para o início do processo de industrialização nessa região. Como analisamos nesse capítulo, ao contrário do que costuma ocorrer em regiões de latifúndios, e onde sobressaem sistemas de produção pré-capitalistas, no Sudoeste do Paraná se desenvolveu uma formação social marcada pela presença de pequenos proprietários de terras, articulados a um pequeno comércio e artesanato local. Aliás, no capítulo a seguir analisaremos a formação e desintegração de um complexo de atividades artesanais que, nessa região do Paraná, se desenvolveram no campo.

---

<sup>44</sup> Segundo Voltolini (2000) e Wachowicz (1987), a extração do pinho foi totalmente irracional no Sudoeste paranaense, pois acabou com quase toda a floresta nativa. Para agravar a situação, não foi realizado (pelo menos de forma consistente) um reflorestamento com araucárias nessa região.

